



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE FLORESTAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENGENHARIA FLORESTAL

CLARA MARIA RANGEL DE FREITAS MOREIRA

**OS SERTANEJOS E O SERTÃO DA BOCAINA: UMA ABORDAGEM
ETNOECOLÓGICA**

Prof. Dr. Rogério Ribeiro de Oliveira, PUC-Rio
Orientador

Profa. Dra. Mariana Martins da Costa Quinteiro, UFRRJ
Co-orientadora

Seropédica, RJ
novembro – 2017



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE FLORESTAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENGENHARIA FLORESTAL

CLARA MARIA RANGEL DE FREITAS MOREIRA

**OS SERTANEJOS E O SERTÃO DA BOCAINA: UMA ABORDAGEM
ETNOECOLÓGICA**

Monografia apresentada ao Curso de Engenharia Florestal, como requisito parcial para a obtenção do Título de Engenheira Florestal, Instituto de Florestas da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

Prof. Dr. Rogério Ribeiro de Oliveira, PUC-Rio
Orientador

Profa. Dra. Mariana Martins da Costa Quinteiro, UFRRJ
Co-orientadora

Seropédica, RJ
novembro – 2017



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE FLORESTAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENGENHARIA FLORESTAL

CLARA MARIA RANGEL DE FREITAS MOREIRA

**OS SERTANEJOS E O SERTÃO DA BOCAINA: UMA ABORDAGEM
ETNOECOLÓGICA**

Monografia aprovada em 27 de novembro de 2017

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Rogério Ribeiro de Oliveira, PUC-Rio (Orientador)

Prof. Dr. Luis Mauro Sampaio Magalhães, UFRRJ (Membro)

Dra. Adi Estela Lazos Ruíz, PUC-Rio (Membro)

*A quem
em nossa terra percorre tais e tais zonas, vivas
outrora, hoje mortas, ou em via disso, tolhidas de
insanável caquexia, uma verdade, que é um
desconsolo, ressurte de tantas ruínas: nosso
progresso é nômade e sujeito a paralisias súbitas.
Radica-se mal. Conjugado a um grupo de fatores
sempre os mesmos, refluí com eles duma região
para outra. Não emite peão. Progresso de
cigano, vive acampado. Emigra, deixando atrás
de si um rastilho de taperas.
(Monteiro Lobato – Cidades mortas)*

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiro a deusa, no feminino, mãe terra que nos acolhe e nos provê com toda sua bondade, meios para aqui viver. Que eu retribua sua generosidade por meio de minhas ações, sempre respeitadas com sua maravilhosa criação.

A minha mãe, mulher que mais admiro, que esteve comigo desde o início dessa vida, segurando minha mão e me ajudando a levantar em todos os tombos que a vida me dá. A minha avó Maria, que sempre me incentivou e me fez querer ser melhor, o orgulho que sentias de mim foi o maior combustível na minha busca em ser a melhor pessoa possível. A toda minha família que de alguma forma, seja pela presença ou ausência, me motivou a seguir esse caminho e a concluir esse trabalho.

Ao meu orientador Rogério, por toda disponibilidade e atenção que me deu nessa reta final e pela confiança de acolher essa pesquisa. A Mariana, querida amiga que o destino escolheu para me orientar. Por todos os nossos diálogos, vivências, refeições preparadas juntas, viagens. Você foi e é uma grande inspiração para mim, sou extremamente agradecida por toda a parceria e carinho.

Aos amigos que fiz durante o desenvolvimento dessa pesquisa, Lucas e Adi, pelas conversas tão enriquecedoras que ajudaram a nortear o meu trabalho. Aos amigos barreirenses que nos deram abrigo e tanto carinho durante os campos, Sônia, seu Antônio e Anka.

Aos sertanejos, por toda receptividade e atenção para responder as perguntas, a simplicidade dos seus olhos foram a maior inspiração para escrever essa monografia. Que eu consiga com essa ferramenta ilustrar da melhor forma possível o valor que vocês possuem como seres humanos.

Aos grandes mestres que tive o prazer de ter na graduação, pessoas que me ensinaram a teoria e me ajudaram a ter embasamento crítico para seguir meu caminho.

Aos irmãos que a Universidade Rural me deu, seria difícil construir essa vida aqui sem vocês para alegrarem meus dias ruins, salvarem os momentos de aflição e compartilhar cada experiência. Agradeço aos amigos da turma 2011-2 que sempre estiveram presentes nos melhores momentos: Samira, Suênia, Carla, Ruy, Allan, Gabriel, Bernardo, Alexandre, Renan. Aos amigos de curso que mesmo não sendo da minha turma, dividi momentos dentro e fora de sala: Ana Cristina, Thais, Deborah e muitos outros.

A família do alojamento F2-201, mulheres incríveis que tive o prazer de conviver, obrigada por toda a partilha, Anna Luiza, Kênia, Laura, Camila, Tayná, Helen. Apesar de todas as diferenças, no fim toda essa irmandade foi essencial.

Aos amigos que apareceram por alguma razão no meu caminho e me ensinaram muito: Matheus, Edu, Maísa, Ingrid, Brenda, Karla... Sou extremamente grata por dividir momentos com tanta gente legal. Desejo que cada um tenha um futuro muito próspero e espero que a minha passagem pela vida de vocês tenha sido tão boa quanto a de vocês foi para mim.

Todos os puxões de orelha, carinhos, palavras expressadas me fazem transbordar. Meu rio cresce, e leva consigo cada um de vocês. Que eu sempre consiga retribuir, que eu seja digna do que vier!

RESUMO

A perda da biodiversidade, desencadeada por diversos processos que ao longo do tempo modificaram as paisagens globais, é tema recorrente na atualidade. Nesse contexto, práticas e técnicas de conservação geralmente consideram apenas o ambiente, se esquecendo que as paisagens são formadas também por pessoas, que apesar de interferirem no ambiente, não deve ser tomado como regra que esse seja responsável pela perda da diversidade biológica, sem que antes se discuta: de qual “homem” (grupos humanos) estamos falando e em que contexto e escala este opera. Dessa forma, o presente trabalho tem como objetivo utilizar a etnoecologia como uma ferramenta orientada ao entendimento das mudanças no uso e manejo do solo, nos recursos naturais e, conseqüentemente, dos processos de transformação da unidade de paisagem *sertão*, a partir da percepção de *sertanejos* atualmente fora de seus territórios. Para tanto, foram realizados trabalhos de campo, no município de São José do Barreiro – SP no período de janeiro a abril de 2017. Os *sertanejos* foram selecionados pelo seu autorreconhecimento. Todas as informações foram registradas em diário de campo, com reprodução fiel das palavras dos informantes e gravação autorizada das entrevistas. Sendo assim, concluiu-se que a presença do *sertanejo* resultou em mudanças na paisagem, havendo uma recente e drástica mudança do modo de vida de todo um povo, denotando perdas em nosso patrimônio histórico e cultural. Hoje os saberes tradicionais referentes ao uso e manejo dos recursos naturais estão mais contidos nas memórias bioculturais do que nas práticas, o que indica extinções e erosões de conhecimentos.

Palavras chave: conhecimento tradicional, paisagem, Serra da Bocaina

ABSTRACT

The loss of biodiversity, caused by several processes that over time have modified global landscapes, is a recurrent theme today. In this context, conservation practices and techniques generally consider only the environment, forgetting that landscapes are also made up of people, who, although interfering with the environment, should not be taken as a rule that they are responsible for the loss of biological diversity, without discussing: which "man" (human groups) we are speaking of and in what context and scale this operates. In this way, the present work aims to use ethnoecology as a tool to guide the understanding of the changes in the use and management of the soil, in the natural resources and, consequently, of the processes of transformation of the *sertão* landscape unit, from the perception of *sertanejos* currently outside their territories. For that, field work was done, in the municipality of São José do Barreiro - SP, from January to April 2017. The *sertanejos* were selected for their self-recognition. All the information was recorded in field diaries, with faithful reproduction of the words of the informers and authorized recording of the interviews. Thus, it was concluded that the presence of the *sertanejo* resulted in changes in the landscape, a recent and drastic change in the way of life of a whole group of people, denoting losses in our historical and cultural heritage. Today, traditional knowledge regarding the use and management of natural resources is more contained in biocultural memories than in practices, which indicates extinctions and erosions of knowledge

Key words: traditional knowledge, landscape, Serra da Bocaina

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
OBJETIVOS.....	14
REVISÃO DA LITERATURA.....	15
O conhecimento tradicional e a formação das paisagens	15
As etnociências como ferramentas para compreender a relação sociedade-natureza.	17
A presença de grupos humanos na Mata Atlântica.....	19
METODOLOGIA.....	21
Área de estudo: características físicas e histórico do uso e ocupação	21
A escolha dos informantes	27
RESULTADOS E DISCUSSÃO	28
Aspectos etnoecológicos da Candeia	50
CONCLUSÃO.....	58
REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS	62
ANEXOS.....	67
Anexo I: Termo de consentimento.....	67
Anexo II: Registro fotográfico.....	69
Anexo III: Questionário para os sertanejos.....	70

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa de localização do município de São José do Barreiro.....	22
Figura 2: Mapa de localização das Unidades de Conservação do Mosaico da Serra da Bocaina, incluindo o Parque Nacional da Serra da Bocaina	23
Figura 3: Principais acontecimentos que marcaram a história do Vale do Paraíba Paulista (DEVIDE et al, 2014).	25
Figura 4: Representação por gênero dos informantes.	28
Figura 5: Distribuição do número de informantes por faixa etária.....	29
Figura 6: Nível de escolaridade dos informantes.	30
Figura 7: Origem dos sertanejos.....	30
Figura 8: Classificação das respostas sobre a questão: "O que é/era o sertanejo?"	32
Figura 9: Atividades realizadas pelos sertanejos do sertão da Bocaina.	38
Figura 10: Respostas dos informantes sobre a percepção de como estão as florestas atualmente.....	46
Figura 11: Classificação da importância da floresta para os sertanejos.	47
Figura 12: Respostas dos sertanejos para quais unidades de paisagem que a candeia pode ser encontrada.	52

INTRODUÇÃO

Muito se tem falado na importância de conservar a biodiversidade nos dias atuais. Sobre a biodiversidade podemos compreender um conceito amplo que se refere a variedade de paisagens, tipos de vegetação, de espécies e de genes (TOLEDO e BARRERA-BASSOLS, 2008). Esse conceito foi se moldando com o passar do tempo, a partir de diferentes fases e processos evolutivos. No entanto, a diversidade biológica não é simplesmente um conceito pertencente ao mundo natural, como também uma construção cultural e social (DIEGUES et al, 2000). Para o mesmo autor, as espécies são objetos de conhecimento, de domesticação e uso, fonte de inspiração para mitos e rituais das sociedades tradicionais e, finalmente, mercadoria nas sociedades modernas.

Nesse contexto, atividades como a mineração, a monocultura em grande escala e a exploração incontrolada de madeira modificaram em elevado grau as florestas tropicais (ESCOBAR, 1999). Diante de toda modificação sofrida nas paisagens naturais, o discurso conservacionista aponta que a conservação da diversidade biológica vem demandando esforços, devendo estar focada não somente na preservação de modelos das paisagens, como também na proteção dos habitats em que vivem as populações (TOLEDO e BARRERA-BASSOLS, 2008).

O discurso de conservar a biodiversidade surge, portanto, como uma promessa de salvaguardar a natureza dessas práticas destruidoras e, em seu lugar, instituir uma cultura de conservação, uma nova maneira para falar sobre natureza dentro de uma profunda mediação tecnocientífica (ESCOBAR, 1999). Porém, o que aponta alguns pesquisadores da área da conservação é que um assunto de tamanha importância, não pode ser tratado apenas do ponto de vista científico. Muito mais do que uma área a ser protegida, um território é constituído também de relações entre as pessoas e o ambiente.

A capacidade de reconhecer as diferentes características dos habitats e de conseguir modificá-lo de forma específica para benefício próprio, fez com que a espécie humana colonizasse diferentes espaços a fim de se estabelecer e suprir suas necessidades, o que nos leva a ponderar que a biodiversidade pode ser compreendida, acima de tudo, como um território culturalizado, no qual se imbricam natureza e

sociedade (ESCOBAR, 1999). Dessa forma, os apontamentos relacionados ao conhecimento ecológico local devem ser cada vez mais conectados às discussões sobre conservação e manejo da biodiversidade, deixando de lado as ideias equivocadas de que populações humanas inevitavelmente têm um efeito deletério na natureza, bem como as imagens distorcidas de que populações tradicionais sempre vivem “harmonicamente” com a natureza (HANAZAKI, 2003).

No rastro dessas contribuições e, considerando que em todo o planeta populações locais/ tradicionais têm passado por transformações econômicas e socioculturais significativas, observamos um foco cada vez maior nos estudos das transformações do conhecimento local associadas à sua paisagem (PRADO e MURRIETA, 2015). Entendendo a necessidade de se conhecer melhor as inúmeras relações que acontecem entre o homem e ambiente, surgem as ciências que buscam compreender como ocorrem essas relações. A etnobiologia surge então como um campo interdisciplinar, estabelecendo relações com a biologia, a antropologia, a etnologia e a economia (PRADO e MURRIETA, 2015).

Compreender que existe uma estreita relação sociedade/ natureza cria possibilidades de entendimentos para a paisagem que conceba seu uso e manejo, permitindo ainda o levantamento de memórias acerca do passado, para compreensão do presente e criação de expectativas para o futuro. Nessa perspectiva, a paisagem pode ser concebida como um conceito complexo com múltiplos patamares de significados, com diversas dimensões e diretamente ligado à percepção do mundo, servindo de guia para um diagnóstico de ações de alterações do meio ambiente (ROCHA et al, 2011), englobando dinâmicas intrinsecamente culturais, refletindo a história social e econômica de uma região e incluindo padrões de ocupação, demografia, mobilidade e fluxos migratórios (OLIVEIRA, 2015).

Nesse sentido, as formas de influência das atividades humanas em fluxos e processos dos ecossistemas e paisagens podem ser múltiplas (OLIVEIRA, 2010a) e a cada uso superposto no tempo e no espaço, podem ser esperadas resultantes ecológicas distintas, de acordo com a transformação imposta por cada território e pela dinâmica natural dos ecossistemas (OLIVEIRA, 2015). Assim, florestas que foram manejadas no passado podem apresentar diferentes legados no presente, por exemplo, em função das suas diferentes histórias de ocupação, muitas vezes pré-colonial (OLIVEIRA, 2015). Do

mesmo modo, a composição florística encontrada em florestas maduras pode ser consequência de um mosaico de sistemas de manejo pretéritos, que deixaram marcas, identificadas no presente por métodos ecológicos, históricos e etnobotânicos (OLIVEIRA, 2015). A etnoecologia, portanto, se volta nesse ponto para uma abordagem espacial, considerando também a paisagem.

Dessas abordagens surge a etnoecologia da paisagem, considerando os elementos culturais em um estudo da paisagem, definindo unidades de acordo com as particularidades de cada sociedade em cada ambiente, avaliando seu contexto socioeconômico e cultural (JONHSON e HUNN, 2012). Esta linha de pesquisa mostra-se útil para a compreensão da relação entre as pessoas e as paisagens e objetiva resgatar conhecimentos ancestrais e ecológicos que podem ser integrados ao conhecimento científico, visando estratégias colaborativas de melhoria na qualidade de vida, assegurando os direitos territoriais dessas populações (CRUZ, 2014).

No caso da Floresta Atlântica, ao longo do tempo, o território foi formando uma realidade única constituída de diferentes grupos sociais tais quais comunidades descendentes de etnias indígenas, populações miscigenadas, remanescentes de quilombos ou grupos descendentes de imigração mais recente, como os caiçaras (OLIVEIRA, 2015). Esse verdadeiro mosaico cultural resultou em diferentes formas de uso do território (OLIVEIRA, 2010a), que existiram e ainda existem paralelamente aos grandes ciclos e complexos econômicos que fizeram uso dos ecossistemas florestais. Como discutir a presença dessas comunidades em seus territórios e não desses usos e manejos econômicos históricos em larga escala, homogeneizantes e devastadores?

A este propósito, devemos considerar que existe certa dificuldade metodológica no presente, de se avaliar a capacidade de transformação da paisagem feita no passado pelas chamadas populações tradicionais (OLIVEIRA, 2010a). Apesar da maior parte da Mata Atlântica ser constituída hoje por formações secundárias, milenarmente manejadas pelo uso realizado por populações tradicionais, a informação disponível acerca dos processos, usos e manejos envolvidos é escassa (OLIVEIRA, 2010a).

É nesse contexto que se insere a presente investigação. Analisando a região denominada Serra da Bocaina, característica pela sua formação geográfica de “mares de morro”, uma linha de cumeada da Mata Atlântica no sudeste brasileiro, podemos

perceber que a região foi marcada pela presença de alguns desses grupos tradicionais brasileiros. Grupos esses que realizaram diversas formas de uso e manejo dos recursos naturais na região, acarretando algumas mudanças na paisagem.

Essa parcela da comunidade local, em sua maioria, atualmente, residente do município de São José do Barreiro (SP), que se autoidentifica como *sertanejos*, se caracterizava por utilizar recursos dos campos e florestas: lenha para cozinhar, remédios, revestimento para colchões e travesseiros, caça, palmito para alimentação, gordura animal, mourões para construção de cercas e madeira para a construção de casas (JORGE, 2015).

Apesar de suas alterações na paisagem se darem em escala muito diferente ao ciclo do café, que ocorreu na região principalmente no século XIX, por exemplo, aos sertanejos coube as consequências das políticas de conservação da biodiversidade, que começaram a ser difundidas na segunda metade do século XX. Por residirem em uma área de elevado potencial e interesse na conservação da biodiversidade, sua presença e atividades foram enquadradas dentro dos atuais padrões de impedimento de uso de seu território.

Atualmente, apesar de poucas famílias ainda residirem no sertão e viverem em meio a uma situação de resistência, tendo em vista que a área se tornou um Parque Nacional, cuja habitação em seu interior é proibida. A maioria dos sertanejos reside no centro urbano e em pequenos sítios marginais do município de São José do Barreiro e cidades vizinhas. Apesar de possuírem outro modo de vida, bastante diferente do que levavam nos sertões da Bocaina, esse grupo ainda carrega sua identidade sertaneja e guarda na lembrança as práticas e conhecimentos adquiridos a partir do modo de vida e do manejo que fazia daquela paisagem peculiar.

OBJETIVOS

O presente trabalho tem como objetivo geral realizar um levantamento etnoecológico, a partir da percepção de sertanejos atualmente fora de seus territórios, o Sertão, orientado ao entendimento das mudanças no uso e manejo do solo, nos recursos naturais e, conseqüentemente dos processos de transformação dessa unidade de paisagem.

São objetivos específicos dessa pesquisa:

- Levantar aspectos relativos à autodenominação do *sertanejo*, bem como suas formas de uso e manejo dos recursos naturais historicamente;
- Pesquisar como se dão suas formas de subsistência atualmente e como se deu essa transição historicamente em suas percepções;
- Registrar quais são as mudanças significativas nos ecossistemas do sertão da Bocaina, que se deram ao longo do tempo e foram por eles percebidas;
- Inventariar o conhecimento etnoecológico que possuem da candeia, umas das espécies mais ameaçadas no passado, segundo dados da literatura disponível na região.

REVISÃO DA LITERATURA

O conhecimento tradicional e a formação das paisagens

Desde o surgimento da espécie humana, as atividades extrativistas fazem parte de seu cotidiano, envolvendo a utilização dos recursos florestais para sua manutenção e sobrevivência; configurando complexas inter-relações entre humanos e natureza em questões socioecológicas; criando sistemas integrados com elementos e processos que influenciam mutuamente suas características e gerando expressões dessas inter-relações como gestão de espécies de plantas e animais selvagens, domesticados (RANGEL-LANDA et al., 2016) o que conseqüentemente modifica as paisagens.

Essa constante manipulação dos recursos naturais foi fundamental para a criação de uma “memória natural”. Segundo Toledo e Barrera-Bassols (2008), a memória da espécie humana pode ser compreendida a partir de pelo menos três fatores: genético, linguístico e cognitivo e é expressa na variedade ou diversidade de genes, línguas e sabedorias. Enquanto as duas primeiras dimensões certificam uma história entre a humanidade e a natureza, a terceira oferece todos os elementos para compreender, avaliar e valorizar essa experiência histórica (TOLEDO e BARRERA-BASSOLS, 2008).

O mesmo autor discute ainda que, na dimensão do tempo (ou histórica), o conhecimento contido em uma única fonte de informação pode ser retratado pela síntese

de pelo menos três aspectos: (i) a experiência historicamente acumulada e transmitida através de gerações por uma cultura rural particular; (ii) a experiência socialmente compartilhada pelos membros da mesma geração (ou tempo geracional); e (iii) a experiência pessoal e particular do produtor e sua família, adquirida através da repetição do ciclo produtivo (anual), gradualmente enriquecido por variações, eventos imprevistos e várias surpresas .

Dessa forma, nos sistemas locais de saber, o mundo vegetal não é artificialmente dividido, a floresta e o campo são um continuum ecológico, e as atividades realizadas na floresta contribuem para satisfazer as necessidades alimentares da comunidade local, enquanto a própria agricultura é modelada de acordo com a ecologia da floresta tropical (SHIVA, 2008). Bem como essas representações da floresta podem ter relação para os humanos de situações críticas, de curiosidade, atração por beleza, experimentação, inovação, entre outras intenções que fazem parte da natureza humana e também devem ser tomadas como fatores que influenciam a decisão das pessoas de gerenciar organismos (RANGEL-LANDA et al, 2016).

Por se tratar de uma sabedoria rica em processos e na rede de relações que cria, o conhecimento tradicional se mostra complexo e dotado de diferentes técnicas e mecanismos. A permanência da sabedoria tradicional ao longo do tempo (dezenas, centenas e milhares de anos) pode então ser visualizada como uma sucessão de espirais, não livre de alterações, crises e turbulências cujo continuum histórico revela um formidável mecanismo de memória, representação, formação e manutenção que expressam um certo "código de memória" (TOLEDO e BARRERA-BASSOLS, 2008).

Compreender o papel dos recursos vegetais com diferentes padrões de uso para subsistência humana, e como eles são influenciados pelos fatores ecológicos, podem ajudar a entender os princípios de construção de técnicas e sistemas de gestão, como os processos de domesticação são originados e como os processos de inovações técnicas atuais são desenvolvidos, a fim de compreender o processo de construção desse patrimônio biocultural (RANGEL-LANDA et al, 2016).

Do mesmo modo, compreender essas relações em determinado espaço ou unidade de paisagem é igualmente importante. Visto que o conhecimento tradicional pode englobar escalas regionais, limitada pelo território histórico e pela natureza

cultural que a rodeia; uma de comunidade que se refere ao espaço apropriado por essa; um doméstico, delimitado pela área de apropriação de um produtor e sua família, e um individual, restrito ao espaço do próprio (TOLEDO e BARRERA-BASSOLS, 2008). Assim, a compreensão da paisagem implica no conhecimento de inúmeros fatores, como a litologia, o relevo, a hidrografia, o clima, o solo, a flora e a fauna, a estrutura ecológica, o uso do solo e todas as outras expressões da atividade humana ao longo do tempo, bem como a análise da sua articulação, o que resulta numa realidade multifacetada (QUINTEIRO, 2012). Discussão essa, fundamental para a formação de discursos que visem indagar as relações naturais e históricas da paisagem.

As etnociências como ferramentas para compreender a relação sociedade-natureza

As pessoas, para viverem, precisam se relacionar com o espaço o qual estão inseridas e com esse espaço criar vínculos, o modificando e por ele sendo modificadas. Resultado disso é uma ampla cadeia de relações que podem ser compreendidas entre o homem e a natureza. Sendo assim, os pesquisadores foram treinados nos recintos acadêmicos da ciência moderna, a entender as técnicas, a inventariar as espécies utilizadas, e a descobrir os sistemas de produção, energia e abastecimento por meio dos quais os grupos humanos se apropriam da natureza (TOLEDO e BARRERA-BASSOLS, 2009).

Desse modo, a Etnobiologia surge como uma disciplina que tem por objetivo estabelecer o contato entre as classificações biológicas (taxonômicas, morfológicas, biológicas, ecológicas) com as percepções, conceitos e classificações feitas por comunidades que, na maioria das vezes, apresentam concepções de vida e mundo diferentes das estabelecidas pelo saber científico (ROCHA-COELHO, 2017). Paralelo a etnobiologia, tem-se a etnoecologia que pode ser entendida como estudo das relações entre populações humanas e o ambiente e dos fatores que afetam estas relações, geralmente sob uma perspectiva adaptativa ou sob uma perspectiva sistêmica (HANAZAKI, 2006).

A etnoecologia foi reconhecida no Brasil por ocasião do I Encontro Internacional de Etnobiologia, realizado no Pará em 1988, quando ocorreu a elaboração da *Declaração de Belém*, que apresentava à comunidade científica e à sociedade

internacional os seus princípios (COELHO-DE-SOUZA et al, 2011). Segundo o mesmo autor, a etnoecologia possui a intenção de estabelecer interfaces entre disciplinas e atores sociais e constitui a base para a instauração de uma visão abrangente a partir do compartilhamento de saberes tradicionais, técnicos e científicos.

Durante muitas décadas geógrafos e ecólogos buscaram desenvolver uma linha de pesquisa que englobasse as práticas socioeconômicas e culturais do ser humano como parte integrante do ambiente considerado natural (ALMEIDA, 2014). A partir dessa perspectiva, surge o termo ecologia da paisagem, utilizado inicialmente por Trol, em 1939, em seus estudos de interpretação de imagens aéreas na intenção de desenvolver trabalhos que considerassem o ser humano e a sociedade em conjunto com o meio físico natural (ALMEIDA, 2014).

A Ecologia de Paisagens, portanto, se constituiu como uma área de conhecimento surgida nos anos de 1930-40 na Europa, especialmente na Alemanha e Holanda, cujo enfoque inicial ressaltava a percepção, uso e ordenamento do espaço de vida do homem (ALMEIDA, 2014), a partir da análise dos padrões de uso do solo e dos seus diversos condicionantes sociais, culturais, econômicos e políticos (QUINTEIRO, 2012).

Esses aspectos são importantes para o processo de planejamento da paisagem, visando o uso sustentável de seus recursos. No entanto, apesar dos estudos dessa temática considerarem a importância das relações humanas com a paisagem, tais pesquisas geralmente não consideram as populações humanas como integrantes de suas investigações (ALMEIDA, 2014). Assim consideram apenas que a presença de pessoas em determinado espaço pode interferir em sua constituição, de maneira positiva ou negativa.

Nessa perspectiva, Toledo (2002) ressalta que, com poucas exceções, os estudos de conhecimento tradicional sobre a natureza foram levados por muito tempo a um estilo onde: (i) o fenômeno cognitivo apareceu separadamente de seus propósitos práticos; em outras palavras, o intrincado sistema de conhecimento e práticas produtivas foi artificialmente separado; e (ii) o corpo cognitivo foi apenas parcialmente estudado, de modo que o pesquisador estudou apenas "frações" (plantas, animais, solos, etc.) ou "dimensões" (sistemas de classificação, elementos utilitários, conhecimento).

Atualmente, decorrente das discussões acerca de como nossos recursos naturais são ameaçados por processos de antropização, fica evidente que a presença do homem interfere no ambiente. Resta, porém, entendimento mais aprofundado de como os diferentes grupos sociais compreendem seu pertencimento nesses espaços. Nesse sentido, o conhecimento ecológico local vem sendo utilizado por autores como importante fonte de implicações para o manejo e conservação do ambiente. À luz dessa explanação desenvolvem-se os estudos de Etnoecologia da paisagem, buscando conhecer como as pessoas percebem e interagem com a paisagem onde vivem (JONHSON e HUNN, 2012), considerando as populações humanas como integrantes de sua pesquisa. Esse termo foi utilizado pela primeira vez em 1939 (Silva, 2014) e questiona sobre o uso, conhecimento, classificação e percepções das pessoas em relação a paisagem, tentando entender seus significados, e como se dá o aprendizado das pessoas sobre as mesmas (JOHNSON e HUNN, 2010).

A Etnoecologia da paisagem diferencia-se da ecologia da paisagem, pois considera elementos culturais em seus estudos, definindo sua unidade de estudo de acordo com as particularidades de cada sociedade e de cada paisagem, avaliando seu contexto socioeconômico e cultural (JONHSON e HUNN, 2012). Considera-se assim, que as sociedades humanas, com suas diversas identidades culturais e formas de vida, desenvolvem um conhecimento inerente sobre a região em que habitam, principalmente quando se trata de populações tradicionais ou locais, onde há uma história familiar de vida nessa região (ALMEIDA, 2014).

Diante disso, o conhecimento e a percepção das populações locais, ou tradicionais, mostram-se bastante relevantes em investigações que visam compreender a dinâmica das paisagens, suas modificações e os fatores que as ocasionaram.

A presença de grupos humanos na Mata Atlântica

Levando em consideração a perspectiva histórica, podemos afirmar que a existência de grupos humanos sobre territórios faz com que a estrutura das paisagens contemporâneas sejam reflexos (legados) de atividades passadas (SOLÓRZANO et al, 2009). Na medida em que o legado ambiental que nos chegou até hoje é produto das relações de populações passadas com o meio, muitas das formações florestais

brasileiras, tal como as que conhecemos hoje, evidenciam, em sua composição, estrutura e funcionalidade, a resultante da presença de seres humanos, e não da sua ausência (SOLÓRZANO et al, 2009).

No caso do Sul e do Sudeste do Brasil, muitas populações habitam áreas remanescentes da Mata Atlântica, onde a terra e os recursos naturais eram e, de certa forma, ainda são abundantes; dentre essas populações, estão as populações caipiras e caiçaras (ZUQUIM, 2002). Essas comunidades se destacam pelas mesmas características, o fato de se originarem da miscigenação de índios, negros e europeus e de basearem seu modo de vida em profundos vínculos com os elementos da natureza, além de raras vezes terem a posse da terra (JORGE, 2015).

No entanto, os locais habitados por esses grupos são importantes repositórios de reserva florestal e, por esse motivo, passaram a ser objeto de várias ações de proteção da natureza, pautadas por diversas normas disciplinadoras e protecionistas, que trazem um modelo expresso, fundamentalmente, em proteger as diversas formações florestais do sempre “ameaçador” efeito predatório da atividade humana (ZUQUIM, 2002). Percebemos então que pode haver certa injustiça ao se supor as hipóteses do preservacionismo e do “mito da natureza intocada”, termo criado por Diegues (2008) que elucida o objetivo de criação das unidades de conservação em se preservar e não conservar a natureza, acreditando que a presença humana diminui a taxa de diversidade de um ecossistema. Segundo Zuquim (2002), foram também as populações que habitavam a região atlântica com seu modo de vida que permitiram que aqueles lugares se mantivessem conservados.

Por outro lado, podemos citar os monocultivos como práticas historicamente difundidas em toda a Mata Atlântica, que ocasionaram em mudanças de larga escala em toda a paisagem litorânea. Um exemplo bastante claro da relação de processos históricos com a composição vegetal de ecossistemas é a paisagem resultante da exploração do café no trecho paulista, mineiro e fluminense do vale do Rio Paraíba do Sul, principalmente durante o século XIX e início do XX (OLIVEIRA, 2010a). Segundo Werneck apud Oliveira (2010a), desde a sua implantação na região acreditava-se que o café teria que ser plantado em áreas de florestas primárias, pois capital e trabalho eram escassos demais para serem investidos em terras menos férteis. Assim, extensas áreas de floresta foram derrubadas para a implantação do monocultivo.

Este padrão de ocupação levou ao desnudamento progressivo da floresta de grande parte da Serra do Mar e de praticamente todo o Rio Paraíba do Sul e foi responsável por um pronunciado impacto nos sistemas naturais, alterando profundamente o bioma da Mata Atlântica, que se reduziu a fragmentos espaçados de tamanho reduzido além das regiões de cumeadas das Serras da Bocaina e Mantiqueira (OLIVEIRA, 2010a).

Mais recentemente, somou-se a estes usos desordenados do território a grande expansão dos centros urbanos e industriais, que acrescentou novos agentes à dinâmica desta formação, como deposição de poluentes, uso intensivo de encostas, turismo descontrolado, dentre outros, o que comprova que a dimensão da presença humana na mata atlântica, em quaisquer escalas ou recortes de tempo constitui um processo interativo, cuja característica principal é apresentar suas gêneses e atuais manifestações ligadas ao passado (OLIVEIRA, 2010b).

Portanto, a paisagem atual da mata atlântica constitui um sistema extremamente complexo, em que processos evolutivos chegaram ao presente evidenciando como característica uma marcada interação com a presença humana, que alteraria para sempre seu funcionamento, estrutura e espacialização (OLIVEIRA, 2010b). Comprovando que seja qual for o recorte histórico – os grupamentos de coletores caçadores do litoral de cinco mil anos atrás; os aldeamentos indígenas que os sucederam; as populações tradicionais já mestiçadas com o branco (caiçaras, etc.), ou os ciclos econômicos que tiveram a mata atlântica como palco, a característica principal sempre foi a substituição da paisagem natural pela cultural (OLIVEIRA, 2010b).

METODOLOGIA

Área de estudo: características físicas e histórico do uso e ocupação

A região conhecida como Serra da Bocaina, compreende uma extensa cadeia de montanhas que se estende por diversas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo (FILHO, 2009). Os municípios de Bananal, São José do Barreiro, Areias, Silveiras e Cunha, localizados no estado de São Paulo, são algumas das principais cidades paulistas que compreendem o chamado Vale Histórico da Bocaina e que tiveram importante papel na

historia de colonização do Brasil por concentrarem grande parte da riqueza do país durante o ciclo do ouro e, posteriormente, no ciclo do café (FILHO, 2009).

O município de São José do Barreiro (Figura 1) localiza-se a 276km da capital São Paulo e a 206 km da capital Rio de Janeiro, se estende por uma área de 571km² com altitude média de 509 metros, fazendo divisa com os municípios de Resende, Arapeí, Bananal, Angra dos Reis, Cunha e Areias. Em 2010 sua população era de 4.097 habitantes. Nele se encontra o principal acesso ao Parque Nacional da Serra da Bocaina (PNSB), encravado entre as serras da Mantiqueira e do Mar.

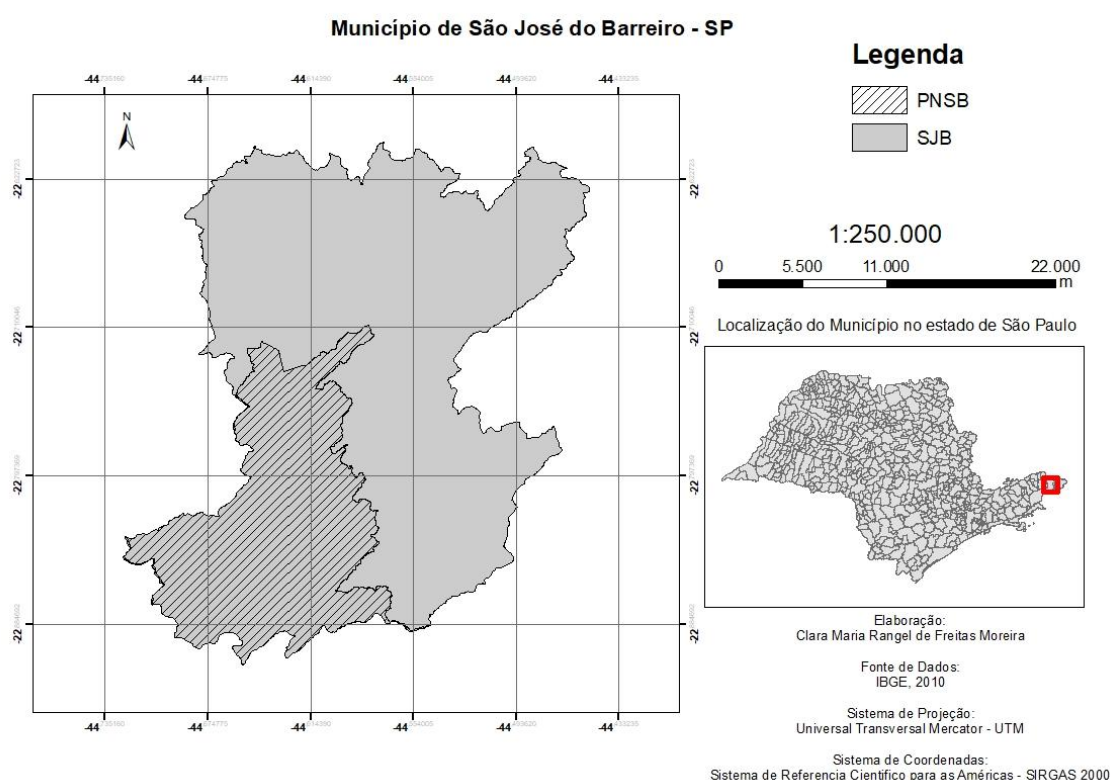


Figura 1: Mapa de localização do município de São José do Barreiro

O PNSB, por sua vez, está inserido no Mosaico da Bocaina (Figura 2), que abrange 10 unidades de conservação e suas zonas de amortecimento, numa área de 221.754 hectares no Vale do Paraíba do Sul, litoral sul do Estado do Rio de Janeiro e litoral norte do Estado de São Paulo (ICMBio, 2017). A criação desse mosaico teve como objetivo estimular a gestão integrada entre as diversas Unidades de Conservação, contribuindo para a preservação e conservação dos recursos naturais e pesqueiros, bem como para o desenvolvimento sustentado deste território situado na divisa entre os Estados do Rio de Janeiro e de São Paulo (ALBUQUERQUE e LINO, 2007). A área compreendida pelo Mosaico representa um importante fragmento do domínio da Mata

Atlântica, agrupando ampla diversidade de tipos vegetacionais, grandes extensões contínuas de áreas florestadas, sob diversos domínios geomorfológicos (ALBUQUERQUE e LINO, 2007).

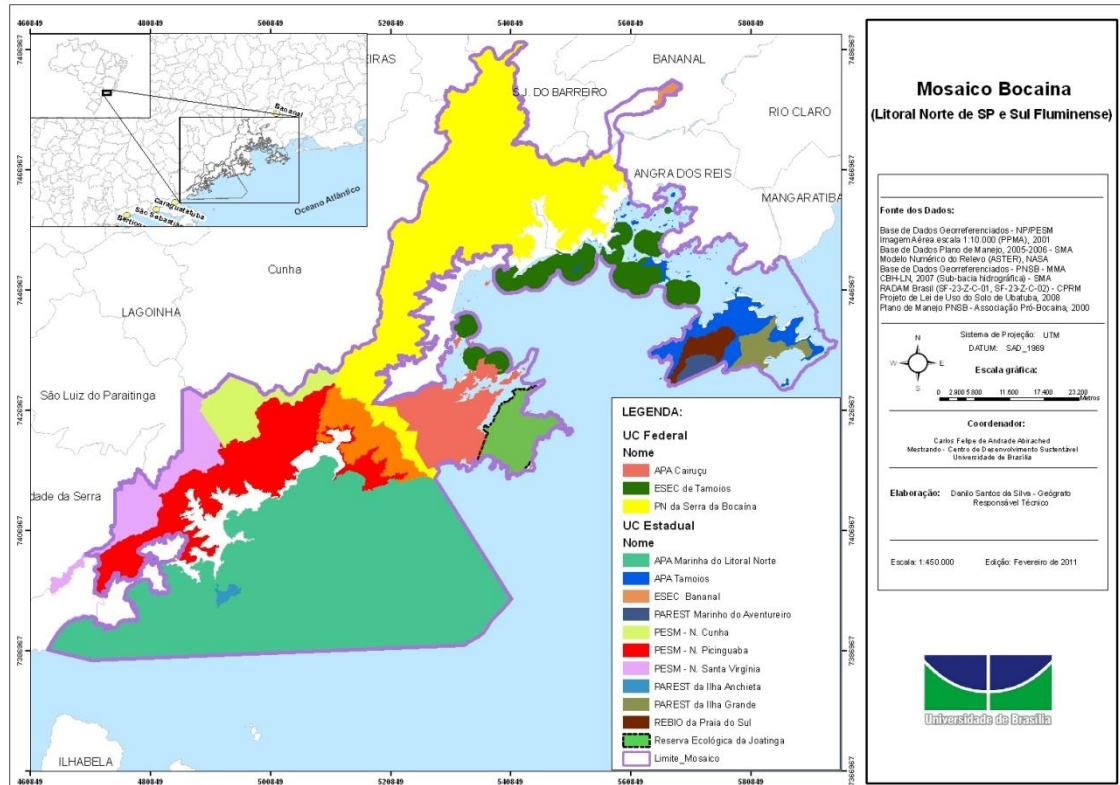


Figura 2: Mapa de localização das Unidades de Conservação do Mosaico da Serra da Bocaina, incluindo o Parque Nacional da Serra da Bocaina

A região do PNSB é caracterizada por um grande gradiente altitudinal, abrangendo desde áreas situadas no nível do mar (região de Trindade, Paraty), até a parte serrana, com altitudes superiores a 2.000 metros em São José do Barreiro. Esse gradiente de altitude, determinado por aspectos geomorfológicos, afeta diretamente os atributos físicos (clima, hidrografia) e bióticos (vegetação, flora e fauna) da região, gerando paisagens e ecossistemas diversos (ICMBio, 2017).

Na região da Serra da Bocaina pode ser encontrada um dos maiores redutos de floresta Atlântica, onde estão incluídos seus mosaicos florestais, formados por florestas ombrofila densa (submontana, montana e alto montana), floresta ombrofila mista alto montana e campos de altitude (MMA, 2017). As particulares e diversas combinações entre tipos de relevo, altitudes, características topográficas, rede de drenagem, solo e

cobertura vegetal original garantem a região alta diversidade e grandes taxas de endemismo (MMA, 2017).

Sobre a flora do PNSB, um estudo preliminar realizado por Pais et al (2013) que levantou as espécies ocorrentes da região do parque, obteve um total de 614 espécies, pertencentes a 114 famílias, sendo que 239 espécies (38,9%) são endêmicas da Mata Atlântica. As Angiospermas foram o grupo predominante com 508 espécies e as famílias mais especiosas foram Leguminosae (43), Orchidaceae e Poaceae (27), Bromeliaceae (26) e Rubiaceae (24) (PAIS et al, 2013).

O Parque Nacional da Serra da Bocaina situa-se numa região da Serra do Mar que constitui um grande divisor de águas entre o vale do rio Paraíba do Sul, o litoral norte paulista e a Baía da Ilha Grande e grande parte dos cursos d'água que atravessam o Parque formam bacias hidrográficas que fluem diretamente para o litoral sul fluminense (MMA, 2017). Dentre essas destaca-se a bacia do rio Mambucaba que é a mais importante para o Parque, sob o ponto de vista de qualidade das águas (MMA, 2017).

Segundo Batista et al (2009) essa bacia apresenta diferentes características importantes para a conservação da biodiversidade, da história natural e história do homem, pois, além de apresentar o gradiente de fisionomias da Floresta Atlântica, também foi palco do início da história de colonização do Brasil, além de possuir modificações antrópicas recentes em sua composição que contribuem para tornar a paisagem funcionalmente diversa. A bacia do rio Mambucaba apresenta também grande parte dos impactos que se observam em todo o Parque, como moradores, trilhas e caminhos, extração vegetal, queimadas, construções civis, caça, pesca, canalização, barramento de canais fluviais, turismo e visitação descontrolados (BATISTA et al, 2009).

Essa grande diversidade paisagística e biológica pode igualmente ser observada nas culturas tradicionais presentes no local. Na região resistem ainda diversos grupos que no decorrer de muitos anos se instalaram em regiões de grandes redutos florestais e ali desenvolveram diversas atividades de subsistência em estreito contato com a natureza. Sobre essas comunidades, existe hoje respaldo legal, que visa a proteção de seu patrimônio histórico e cultural, que é constantemente ameaçado pela implantação de unidades de proteção integral que impedem o uso dos recursos naturais. Existe portanto,

um fórum de comunidades tradicionais com ênfase no reconhecimento, fortalecimento e garantia dos direitos territoriais, sociais, ambientais, econômicos e culturais. É necessário que haja, portanto, conhecimento que existe essa parcela não oficial na história da região, que apesar de não estar documentada, possui respaldo legal.

Na história oficial dos grandes ciclos e complexos econômicos, entretanto a região representou a principal área de expansão das redes de interiorização territorial do centro-sul brasileiro, na qual ocorreram todos os ciclos de desenvolvimento econômico (Figura 3), passando pela exploração indiscriminada dos recursos naturais à atual exploração turística (ALBUQUERQUE e LINO, 2007). Por esse viés da história, a ocupação do espaço ocorreu com a devastação da Mata Atlântica e o uso intensivo e inadequado do solo, numa região característica por “mares de morros” (Filho, 2009).



Figura 3: Principais acontecimentos que marcaram a história do Vale do Paraíba Paulista (DEVIDE et al, 2014).

Na primeira metade do século XVI, os paulistas restringiam-se ao planalto do Piratininga, em suas fazendas e roças de subsistência tocadas pelo trabalho de indígenas escravizados (Zuquim, 2002). Nesse período, estabeleceram um próximo convívio com os índios, dos quais adquiriram os conhecimentos necessários para a sobrevivência nas matas, condição indispensável para a aventura do desbravamento dos sertões (Zuquim, 2002).

Após a ocupação indígena a região foi habitada por pequenos agricultores, posseiros ou sesmeiros, que levavam uma vida difícil, devido as precariedades nas

comunicações e nas trocas ou obtenção de mercadorias ou produtos de primeira necessidade, como o sal, utensílios ou apetrechos para uso doméstico ou para o trabalho (Filho, 2009). Esses indícios trazem uma luz de como pode ter ocorrido a tomada do sertão por grupos que exploravam a região por objetivos econômicos e por aqueles grupos resultantes da atividade econômica primária, que era o minério, para suprimento de demandas geradas por essa atividade, no caso a agricultura.

Sendo assim, paralelamente ao encontrado na maior parte da literatura acadêmica e em documentos históricos oficiais, algumas áreas da Serra da Bocaina, já possuíam habitantes nativos na época desses ciclos econômicos. Segundo Ribeiro, citado por Zuquim (2002), a costa brasileira, ao longo de milênios, foi percorrida e ocupada por inumeráveis povos indígenas que disputavam os melhores nichos ecológicos, se alojando e realojando incessantemente, como é o caso dos índios tupi, bons guerreiros, que se instalaram dominadores na imensidade da área, tanto à beira mar quanto ao longo de toda a Costa Atlântica.

Por outro lado, enquanto a conquista de territórios se expandia e destruía as florestas, os povos que resistiam da escravização que se estabelecia nesse processo procuravam abrigo nas florestas. Dessa forma, aos índios se juntaram mestiços marginalizados e também negros que fugiam da escravização (SILVA, 2002). Essa mestiçagem de etnias pode ser observada em toda extensão da floresta atlântica, da serra ao litoral, visto que a fronteira florestal continuou a ser refúgio para esse grupo de pessoas que desenvolveram um modo de vida próprio, como é o caso do *sertanejo* e também do *caiçara*, por exemplo. Na literatura encontramos a denominação “caipira” para se relacionar aos grupos de pessoas que viviam nos sertões da Bocaina (JORGE, 2015), mas que parece caracterizar o mesmo grupo que aqui chamaremos de *sertanejo*.

É dentro desse contexto que se encontra o presente trabalho, buscando como se deram os usos e manejos históricos dessa unidade de paisagem pelo povo sertanejo; como atualmente vem sendo utilizado e manejado o sertão; quais forças políticas, econômicas e ecológicas estiveram presentes segundo suas percepções e como podemos complementar dados históricos não oficiais sobre nossos povos e nossas paisagens, à luz das memórias bioculturais.

A escolha dos informantes

A partir de conversas com os moradores mais antigos de São José do Barreiro, foi possível identificar alguns sertanejos, assim reconhecidos localmente. Após essa etapa, foi selecionado um dos sertanejos apontados e realizada a primeira abordagem. Este informante apontou novos sertanejos e esses os demais, em uma amostragem intencional realizada por meio da técnica “Bola de Neve” (Albuquerque et al 2014). Apesar de apontados e reconhecidos pelos demais, apenas foram entrevistados os moradores que se autoidentificaram como sertanejos, ou seja, que responderam “sim” à primeira pergunta: “você se considera sertanejo?”. Dessa maneira, no emprego deste método de seleção, os informantes foram indicados uns pelos outros até que dentro do tempo de duração da pesquisa, não houvesse indicação de novos informantes e assim a amostragem da pesquisa passou a envolver todos os informantes dentro do limite do município de São José do Barreiro. Método semelhante pode ser encontrado no trabalho de Cruz (2014). Dessa forma, foram entrevistados 13 sertanejos, aqui denominados de *especialistas locais* ou *informantes chave* (ALBUQUERQUE e LUCENA, 2004).

O reconhecimento desses especialistas levou em consideração pessoas que viveram no sertão e que, por alguma razão, de lá saíram e se mudaram para a “cidade”. Foram citadas cerca de cinco famílias que ainda residem no sertão, na área hoje pertencente ao PNSB. Essas pessoas não puderam ser entrevistadas, devido à dificuldade de acesso e à logística existente para a presente pesquisa, que contou apenas com recursos próprios para seu desenvolvimento

O projeto que embasou esse artigo foi submetido e aprovado ao Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Posteriormente, para cada informante, foi explicado inicialmente o objetivo do estudo e apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) segundo exigências éticas do Comitê de Ética em Pesquisa (anexo I).

O estudo etnoecológico

O trabalho de campo incluiu viagens mensais de aproximadamente cinco dias. Foram realizadas entrevistas semi estruturadas (Anexo II) e informais com os especialistas locais, além de uma turnê guiada com um informante para reconhecimento da paisagem. Todas as informações foram registradas em diário de campo, com

reprodução fiel das palavras dos informantes, gravação autorizada das entrevistas e registro fotográfico. Esses procedimentos estiveram de acordo com as práticas de campo sugeridas por Albuquerque e Lucena (2004).

Investigação adicional foi realizada com os mesmos informantes, acerca da espécie por eles denominada *candeia*, uma vez que, ao longo do trabalho de campo, foi citado que a espécie sofreu extrativismo exploratório. Para o levantamento de informações sobre a etnoecologia da *candeia* foram realizadas perguntas abertas sobre: o período de floração e frutificação, visitantes florais, a variedade de animais que interagem com a espécie, e outras informações ecológicas, além de se questionar a importância que os sertanejos atribuem à espécie, os usos que realizam da *candeia* e os aspectos ecológicos da floresta que influenciam seu desenvolvimento (anexo II).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram entrevistados 13 informantes sendo sete mulheres e seis homens com idades entre 41 e 90 anos. A distribuição entre gêneros e idades podem ser comparadas nas figuras 4 e 5.

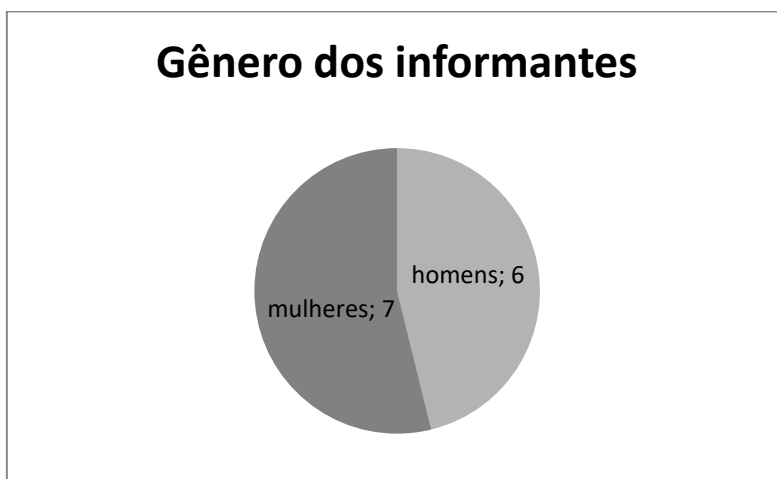


Figura 4: representação por gênero dos informantes.

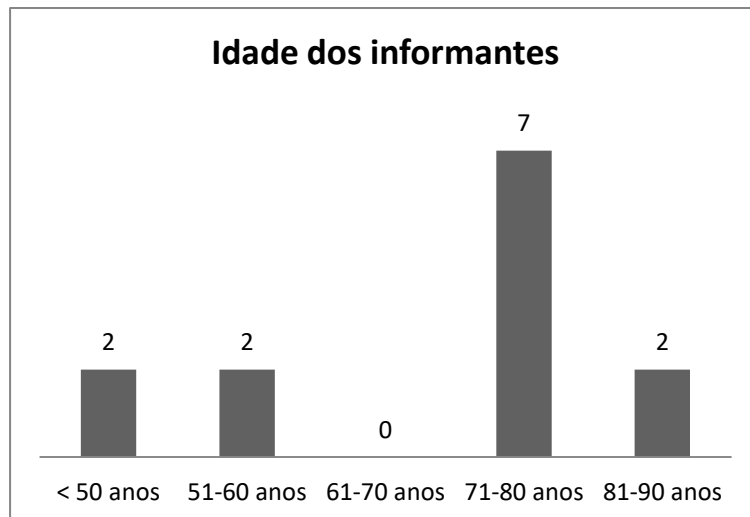


Figura 5: Distribuição do número de informantes por faixa etária.

O critério de *autoidentificação*, termo amplamente usado para definir povos e comunidades tradicionais, também pode ser denominado autorreconhecimento, autoatribuição, autodefinição, dentre outras. Essas definições implicam, por essência, no reconhecimento do direito de autodeterminar-se, de autogerir-se e, por via de consequência, de autorreconhecer-se, atribuindo-se identidade de forma autônoma, sem a necessidade de chancela estatal (MOREIRA e PIMENTEL, 2015). Para as comunidades, essas definições representam também que possuem uma história, que sua existência esta intimamente ligada ao que foram, de onde vieram e como viviam, características que determinam que são moradores de uma determinada paisagem, o *sertão*, e que nesse local construíram uma rede de relações materiais e imateriais.

Foram considerados como *informantes chave* ou *especialistas locais* aqueles que tiveram alguma vivência no sertão ou que possuíam lembranças das formas de vida que eram realizadas por familiares próximos, como os pais, nesse local.

Quando questionados sobre sua escolaridade, os informantes disseram possuir pouca ou nenhuma escolaridade. Alguns explicaram que nunca estudaram, pois não havia escola no sertão ou porque precisavam trabalhar para ajudar os pais nas atividades do campo.

“Que estudo, minha filha, lá não tinha escola não. Depois de velha agora eu aprendi muito matemática a assinar meu nome. Escola lá era serviço pros mato e capoeira....” (Informante 13)

A distribuição da escolaridade dos informantes pode ser analisada na figura 6.

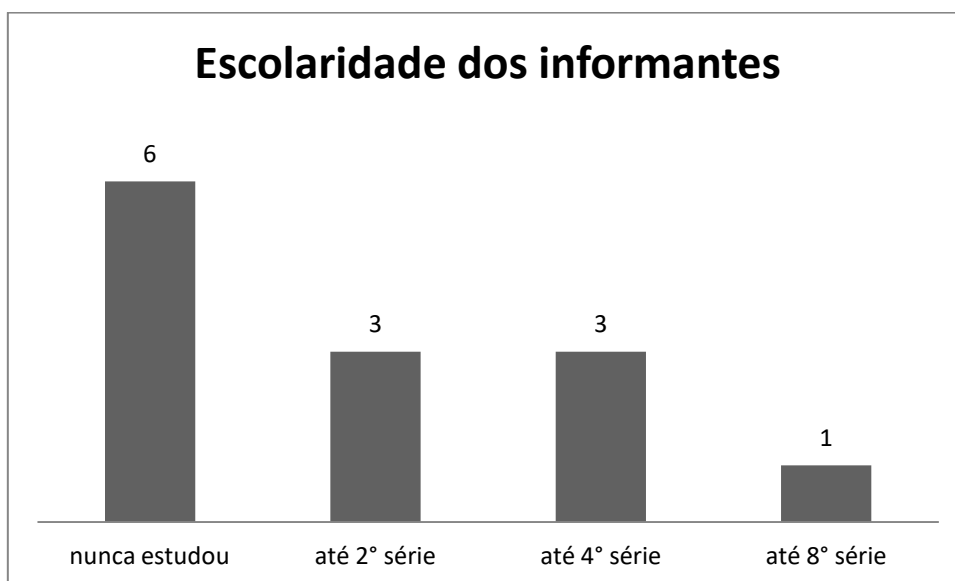


Figura 6: Nível de escolaridade dos informantes.

A maioria dos sertanejos nasceu no sertão; apenas dois informantes nasceram em cidades vizinhas de Minas Gerais e foram ainda muito novos para o sertão (Figura 7). Esse dado sugere a estreita relação feita entre a autoidentidade *sertanejo* com o ambiente *sertão* e ao fato de ali terem nascido.



Figura 7: Origem dos sertanejos.

Os informantes também foram questionados sobre até que idade viveram no sertão e as respostas para essa questão foram diversas. Alguns dos informantes mais

novos, como o *informante 4*, saiu do sertão com 3 anos e o *informante 5*, que possui 80 anos, viveu no sertão até os 75 anos e saiu de lá devido a “dificuldade de trabalho” e a “idade avançada”:

“Eu vim porque lá acabou, não tem como melhorar mais. Eu tava vivendo lá do leite, fazendo queijo... Eu fiquei velho, não dava mais pra trabalhar, eu me aposentei e não tinha mais companheiro pra trabalhar.” (Informante 6)

Sobre suas atuais situações socioeconômicas, as fontes de renda do presente versaram sobre: informantes que possuem trabalho assalariado (5), sendo um destes funcionário público e os demais empregados em fazendas de pecuária da região e aqueles informantes que possuem como principal fonte de renda a aposentadoria (8).

Em relação às suas atuais residências, observa-se que o ambiente de vida no presente é muito diferente daquele do passado. Apenas dois informantes moram em propriedades rurais, onde trabalham como empregados, executando atividades voltadas para a pecuária. Os outros informantes (11) moram em casas próprias, todos no município de São José do Barreiro, a maioria na zona urbana da cidade ou em bairros bastante urbanizados. Dois informantes relataram ter adquirido suas casas por programas de moradia popular do Governo do Estado de São Paulo, mais especificamente da Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano do Estado de São Paulo - CDHU, aos quais conseguiram ser contemplados devido suas condições financeiras quando saíram do sertão.

Sobre a questão de se autoidentificarem como um *sertanejo*, as respostas foram enfáticas, carregadas de certo orgulho e pertencimento como pode ser observado:

“Sim, sou sertanejo, roceiro e caipira...” (Informante 1)

“...sim, nascido na Bocaina, sertanejo com muito orgulho e muito feliz...” (Informante 2)

“...eu sou sertanejo, meu pai veio de Minas....” (Informante 6)

“...sou sertaneja, caipira, do calcanhar rachado porque não tinha calçado....o tempo era difícil, seco....” (Informante 11)

Sobre o significado de ser *sertanejo*, atribuíram as seguintes respostas:

“...é o que nasceu mais próximo do sertão, diferente do roceiro, que é o fazendeiro da roça...roça é onde se planta mantimentos...é diferente do caipira, que não sabe falar nada, que não tem estudo...eu sou os

três...quem nasceu na serra é roceiro do mesmo jeito...” (Informante 1)

“...quem nasceu e cresceu no meio do mato...” (Informante 2)

“...pra mim é aquele que vive no cantão da serra da Bocaina” (Informante 5)

“...o cara que vive na roça, não mora na cidade.” (Informante 6)

“...sertanejo é diferente dos outros porque ele fala errado, não tem mitidez com nada, é simples....a comida ele faz um angu com feijão e ele já come...” (Informante 7)

“O sertanejo é aquelas pessoas que só vem de mês em mês na cidade...as vezes até mais....vem comprá umas coisas que precisa na cidade.” (Informante 10)

“O sertanejo gosta de musica raiz, cultura... folia de reis, calango (furró, sanfona, pandeiro e verso)... é a cultura que tinha e tem até hoje.” (Informante 12)

A figura 8 classifica como os informantes definem o sertanejo de acordo com seus hábitos, podendo o mesmo informante ter dado mais de uma definição para a resposta.

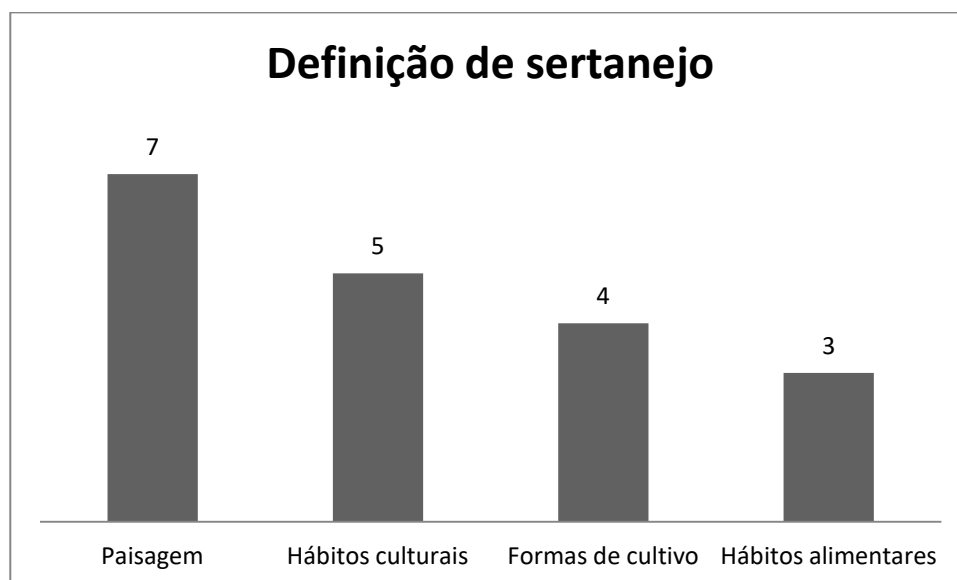


Figura 8: Classificação das respostas sobre a questão: "O que é/era o sertanejo?"

As respostas ligadas à autoidentidade sertaneja foram divididas em categorias a fim de melhor visualizar os padrões de respostas e estiveram de acordo com: (7)

paisagem - origem e/ ou residência na Serra da Bocaina e características do isolamento do local; (5) aos hábitos culturais –escolaridade, hábitos de vida simples e voltados para as atividades de subsistência, gostos musicais, etc; (4) formas de cultivo - contato direto com o “mato” e de cultivo da roça; (3) hábitos alimentares – alimentos que cultivam e que fazem parte da sua dieta diária.

Dessa forma, corrobora-se a compreensão da autoidentificação como “critério legítimo de pertencimento”, discussão trazida pelo Ministério Público Federal (2014), que defende a possibilidade dos grupos interessados possuírem autoridade para definir e expressar sua própria concepção de pertencimento étnico e cultural. Sendo esses povos e comunidades eximidos de questionamento ou disputas à atribuição de identidades específicas (MPF, 2014). A questão central para a identificação das comunidades não são as diferenças culturais entre grupos, percebidas por um observador externo, mas sim os “sinais diacríticos”, isto é, aquelas diferenças que os próprios atores sociais consideram significativas e que, por sua vez, são reveladas pelo próprio grupo (MOREIRA e PIMENTEL, 2015).

Pelo menos nove informantes citaram, espontaneamente, que cultivavam principalmente o milho e o feijão como alimentos base de sua alimentação. Com o milho citaram fazer o angu e a canjiquinha, que era substituto do arroz e se comia com o feijão. Além de broas e bolos para se tomar com café, ao invés do trigo. O uso dessas fontes alimentares vem sendo citado por diversas comunidades tradicionais brasileiras (QUINTEIRO et al. 2016 e QUINTEIRO, 2012) e representam uma verdadeira herança das culturas indígenas, principalmente das que habitavam a Mata Atlântica, como os Guaranis (Felipim, 2001). Felipim, (2001) relata que a economia de subsistência dos guarani antigos era baseada nos cultivos de milho, aipim, abobora, batata-doce, amendoim, feijão, cará, fumo, algodão e outras plantas tropicais que eram cuidadas pelas mulheres. Além disso, segundo Schmidt (1946), dentre vários fatores, o clima condiciona a adoção de certos e determinados alimentos básicos e o milho, foi alimento característico para as comunidades presentes nas serras paulistas que possuem temperaturas menos elevadas e precipitações mais modestas.

Em relação à investigação da percepção do sertanejo sobre o que é o sertão, diversas definições relacionadas à presença e às características da mata, das nascentes e à qualidade da água e das características da fauna estiveram presentes, bem como o isolamento e difícil acesso da área.

“...o sertão é mata, lugar que só tem mata...já na vertente pro mar. O sertanejo mora no povoado em volta, porque no sertão mesmo não tem ninguém morando.” (Informante 1)

“...sertão só tem mato...só cria onça, bicho...só mata virgem, tem muito pinheiro... só tem um sertão, pra lá do parque, só tem mato e bicho...” (Informante 3)

“...lugar mais difícil, sem estrada, onde a chegada é mais difícil...” (Informante 5)

“...lá é só mato mesmo, não tem nada, só mato e água boa....pega divisando com o rio (Mambucaba) e vai até Cunha é um sertão só.” (Informante 7)

Foram encontradas na literatura poucas informações sobre o sertão da Bocaina, mas alguns trabalhos como o de Zuquim (2002), Filho (2009) e Santos (2014) discorrem um pouco sobre o processo de colonização da Serra da Bocaina e da ocupação do território conhecido como sertão da Bocaina.

Em oposição, temos as percepções dos sertanejos, em que o território parece ter limites outros além do físico, estando presente no imaginário desses antigos moradores de formas e dimensões variadas, associadas a dependência que possuíam dos atributos ambientais daquela região, e às condições de marginalidade que essas pessoas viviam, por não possuírem renda e viverem dos frutos de seu próprio trabalho. Para o sertanejo, o sertão era um local que o acolhia e provia a ele todos os meios que necessitavam para viver. Relatam sobre seus limites, sobre estar atualmente dentro dos limites do Parque Nacional da Serra da Bocaina, sobre sua singularidade sobre a multiplicidade dessa unidade de paisagem.

“Tem vários sertão: Sertão da Olaria, Sertão da Onça, Sertão da Bocaina, Sertão do Bananal, ...” (Informante 2)

“Só tem um sertão, pra lá do parque, só tem mato e bicho.” (Informante 3)

“Pega divisando com o rio e vai até cunha é um sertão só.” (Informante 7)

Dessa forma, mais de uma representação de sertão parece existir no mapeamento cognitivo/ mental desses sertanejos. Essas observações estão de acordo com Santos (2015), que discute o significado da palavra “sertão” em um dicionário do início do século XVIII, definindo-o como uma “região apartada do mar e por todas as partes metidas entre terras”. Entretanto, segundo o mesmo autor, essa definição aponta para a

imprecisão da demarcação espacial desse território, não porque fosse impossível fazê-lo, mas porque, de certo, seus limites absolutos só poderiam ser determinados por elementos outros que não apenas as condições geográficas.

Para tentar compreender um pouco mais sobre o que é o sertanejo e o sertão, os informantes foram questionados sobre quem surgiu primeiro, o sertão ou sertanejo. Sobre essa pergunta oito informantes disseram que o sertão veio primeiro, explicando que se trata de uma parte da paisagem, sendo as pessoas que nela residem frutos do que ela representa e disponibiliza.

“sertão né, nois é filho dele né...” (Informante 7)

Três informantes disseram que os dois são a mesma coisa e por isso não é possível dizer quem surgiu primeiro:

“...sertanejo e sertão é um só, nasceram junto...” (Informante 10)

“Tudo era uma coisa só. O sertão era de lá mesmo e o sertanejo era a pessoa que vivia lá, que não tinha chinelo e andava descalço....”
(Informante 12)

Santos (2015) faz uma análise interessante sobre os sertões paulistas ao dizer que os sertões se distinguem do território em que ele está inserido, pois o primeiro seria o espaço “virgem” de colonização enquanto o segundo é o espaço modificado, ocupado e que ambos são resultado da colonização e da pressão da Coroa portuguesa pelo território paulista. Sobre essa questão um informante teve uma reflexão bastante curiosa, colocando o sertanejo como agente modificador do ambiente, dizendo que se o homem (*sertanejo*) não manejasse e modificasse a paisagem, não haveria o *sertão*.

“Sertanejo que descobriu e matou o mato e fez o sertão” (Informante 6)

Essas respostas abarcam uma questão filosófica em que o complexo produto-produtor vem se moldando ao longo do tempo. A paisagem do *sertão*, embora tenha surgido primeiro, abrangida de todos os recursos naturais, só foi assim concebida quando foi habitada, ou seja, quando existiram os primeiros sertanejos. Dessa forma, um conceito bastante adequado ao entendimento da relação sociedade x natureza é o de paisagem, que é polissêmico por origem e pode também ser considerado como uma

estrutura espacial que resulta da interação entre os processos naturais e as atividades humanas (OLIVEIRA e ENGEMANN, 2011).

Quando perguntados sobre a origem e a formação histórica do povo sertanejo, quatro informantes disseram que pessoas vieram de outros lugares e foram se instalando ali, sem muita exatidão sobre quando e de onde vieram. Porém, cinco informantes disseram que a maioria das pessoas que se instalaram no sertão vieram de Minas Gerais, que eram pessoas habituadas com a lavoura e que se instalaram ali devido ao potencial da área para o cultivo e à proximidade de São José do Barreiro.

“...foi o afastamento de um lugar para o outro na guerra de 32 (perda da guerra..., os mineiros começaram a invadir e pegar terra.... No sertão eles também foram indo... quando virou a Serra foram os últimos que se aventuraram ainda mais... a terra aqui era muito boa pra plantar e aí as pessoas foram tomando a Serra..” (Informante 1)

“Os meus pais já foram nascidos aqui mas meus avós vieram de Bocaina de Minas... a maioria do pessoal do sertão...100 anos atrás... vieram de Minas...tinha muito escravo também...mas a maioria era mineiro mesmo que foram comprando terra... São José do Barreiro tinha muita gente, 10 mil pessoas, agora só tem 4 mil, o parque ocupou muita área né...quando eu nasci o sertão já era Parque, aí foi muita gente saindo...”(Informante 13)

Segundo Filho (2009), o município se localizava na rota tropeira que atravessava a Serra da Bocaina, em uma região de difícil passagem, que obrigava as tropas a fazerem uma parada. Essa parada obrigatória deu origem a um arraial, que posteriormente atraiu mineiros para uma região que se destacava pelos bons solos e clima ameno, além da proximidade com o porto de Mambucaba que convergia grande movimento do comércio de São Paulo e Minas Gerais (FILHO, 2009). Dessa forma, a região atraiu muitos agricultores e, posteriormente, com a expansão do ciclo cafeeiro na região, o arraial se tornou um município com grandes demandas que, em partes eram abastecidas pelos produtos que vinham do sertão.

Apenas uma informante disse que sua bisavó era índia e, com isso, três etnias diferentes foram citadas pelos sertanejos, como constituintes de suas matrizes: brancos (mineiros e paulistas), negros e índios.

“Veio do estado de SP mesmo, de certo... meu avô, bisavô, tudo nasceu lá mesmo, nasceu e morreu lá mesmo... a bisavó do meu avô

era india. A família é grande, meu avô e avó tudo é de lá mesmo.
(Informante 11)

Esta informação corrobora com as observações feitas por Jorge (2015), que discute que os caipiras, ou sertanejos, da Serra da Bocaina, assim como os caiçaras do litoral, se destacavam pelas mesmas características, o fato de se originarem da miscigenação de índios, negros e europeus e de basearem seus modos de vida em profundos vínculos com os elementos da natureza, além de raras vezes terem a posse da terra.

Em relação à discussão sobre esse grupo ser ou não tradicional, temos que a questão da autoidentidade do sertanejo corrobora para esse caráter, aparecendo como um ponto bastante forte; apesar de relatarem as dificuldades que enfrentavam no sertão, todos possuem muito orgulho de serem sertanejos e foram unânimes em dizer que mesmo saindo do sertão, continuam sendo sertanejos, mesmo que os hábitos mudem.

“É né...sempre...o nome dele (do sertanejo) é assim mesmo, pode acabar com o tempo, mas por enquanto é assim mesmo...”
(Informante 10)

Apenas um informante disse que algumas pessoas podem deixar de ser sertanejas se estudarem, nos fazendo perceber, mais uma vez que, em suas percepções, muito da identidade do sertanejo está relacionada com sua simplicidade e falta de instrução.

“É sertanejo mesmo né, porque não tem estudo...se sair do sertão e estudar deixa de ser sertanejo...” (Informante 9)

Entretanto, sendo um grupo com características mestiças, sua origem é imprecisa em relação à data de aparecimento, estando vinculada sua composição à diferentes ciclos econômicos e movimentos migratórios, segundo o documento elaborado pelo Ministério Público Federal (2002) intitulado “Territórios de povos e comunidades tradicionais e as unidades de conservação de proteção integral: alternativas para o asseguramento de direitos socioambientais” é relativamente comum que o reconhecimento da *tradicionalidade* apareça atrelado a critérios temporais ou geracionais de permanência no local, o que esse grupo teria de forma imprecisa. Dessa forma, é importante distinguir ambos, de modo que os movimentos migratórios locais e

as dinâmicas demográficas não sejam tomados como indicativos de exclusão. Quais os critérios que definiriam o tempo de permanência no local ou a quantidade de gerações necessárias? Há quanto tempo estariam esses sertanejos, assim autodenominados, nos sertões? Entrariam eles nessas políticas públicas sobre povos e comunidades tradicionais?

Outra forma de caracterizar grupos tradicionais é do ponto de vista empírico, quando é possível identificar como se baseiam no trabalho familiar, visando principalmente ao próprio sustento, embora normalmente estejam vinculadas aos mercados locais (OLIVEIRA e ENGEMANN, 2011). Segundo esses autores, são características particularmente importantes na definição desses grupos: a) conhecimento dos recursos naturais, que se reflete na elaboração de estratégias de uso e de manejo, geralmente transferido de geração a geração; b) noção de território ou espaço onde o grupo se reproduz econômica e socialmente; c) moradia e ocupação desse território por várias gerações.

Dessa forma, os informantes foram questionados se realizavam alguma das atividades tradicionais listadas (anexo II) e a resposta para essa pergunta pode ser observada na figura 9. Essas atividades foram elencadas por serem comuns em trabalhos envolvendo saberes tradicionais de comunidades habitantes da mata atlântica. Todos os informantes disseram realizar pelo menos uma atividade destas, sendo que a maioria (11) realizavam pelo menos três.

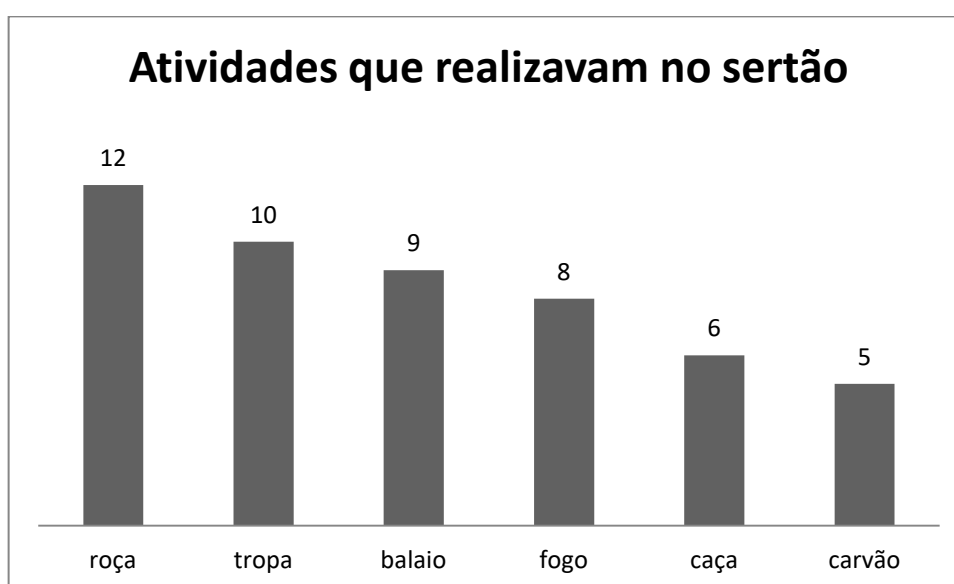


Figura 9: Atividades realizadas pelos sertanejos do sertão da Bocaina.

A atividade menos (5) citada por eles foi a confecção de carvão. Sobre essa atividade as principais falas dos sertanejos podem ser observadas a seguir:

“Tinha gente que mexia com carvão sim, mas era muito difícil né...”
(Informante 13)

“...vendia mantimento pro carvoeiro... tinha uma carvoagem muito grande lá... agora acabou porque não pode mais tirar um pau.”
(Informante 5)

Um trecho dos relatos de Ab’Saber e Bernardes (1958) citado por Filho (2009), ajuda na compreensão de como eram essas atividades no sertão: “Uma área, mais ou menos extensa, portanto, da região drenada pelos formadores do Paraíba permaneceu em matas ou utilizada por pequenos agricultores que a cultivam segundo o sistema de “roças”. Essas áreas, que há muito vêm sofrendo impiedosa devastação pelos lenheiros e carvoeiros, são referidas regionalmente como o “sertão”. Talvez a atividade da carvoaria se configure como uma das mais antigas entre esse grupo e também das primeiras a serem proibidas segundo às legislações ambientais, estando menos presente nas memórias bioculturais desses informantes.

Em relação às roças, doze informantes disseram realizar roça, com as técnicas conhecidas como cultivo de coivara, uma forma itinerante de agricultura, usada há milênios por populações tradicionais de regiões tropicais do planeta. Baseia-se na abertura de clareiras na floresta, para serem cultivados os solos com gêneros agrícolas, por períodos mais curtos do que aqueles destinados ao descanso e à regeneração da terra (ADAMS et al, 2012). Para os sertanejos a técnica consistia em:

“Na roça plantava 3, 4 anos, mais ou menos uns 2 alqueire, depois deixa a mata volta, forma capoeira de novo, fica uns 2 anos sem mexer e depois faz de novo...quando começô com gado acabou tudo...” (Informante 1)

“...depois que uma terra cansava, dava muita sementeira, a gente pegava outra terra e deixava ela descansar. Usa 2/3 anos e depois deixa 4 parada...” (Informante 9)

“...roçava o mato com a foice, queimava, plantava o mantimento, colhia, alguns sobrava pra vender... trazia no cargueiro e vendia...”
(Informante 11)

Estudos realizados sobre essa técnica apoiam a hipótese de que a agricultura itinerante teria sustentabilidade ecológica em contextos de baixa densidade demográfica e de grande disponibilidade de terra para o rodízio dos cultivos (ADAMS et al, 2012). Usada durante muitos anos por comunidades tradicionais, com o objetivo de explorar o capital energético e nutritivo acumulado no conjunto solo-vegetação das florestas além de ser uma técnica vantajosa do ponto de vista operacional, pois demandava de pequenas áreas que eram fáceis de ser manejadas pela mão-de-obra familiar. No entanto, essa prática agrícola foi acusada, na década de 1990, de contribuir de maneira significativa para o desmatamento das florestas tropicais e para o aquecimento global (ADAMS et al, 2012).

A discussão acerca da ameaça que o fogo traz à conservação das florestas, no entanto, é muito anterior a essas acusações de 1990. O Código Florestal de 1965, Lei 4.771, art. 26 institui contravenção penal para: “e) fazer fogo, por qualquer modo, em florestas e demais formas de vegetação, sem tomar precauções adequadas”. Porém no art 27 , Parágrafo único relata: “Se peculiaridades locais ou regionais justificarem o emprêgo do fogo em práticas agropastoris ou florestais, a permissão será estabelecida em ato do Poder Público, circunscrevendo as áreas e estabelecendo normas de precaução” (BRASIL, 1965)

Essa Lei dita normas para as áreas de preservação permanente, bem como incentiva a criação de Unidades de Conservação. Em 1971 foi criado o Parque Nacional da Serra da Bocaina, que abriga 110.000 há de mata Atlântica que se estende por parte da Serra da Bocaina até o litoral (JORGE, 2015). Deste modo, as limitações de uso do território compreendido no sertão foi ainda maior a partir desse ano, quando a criação de uma unidade de conservação de proteção integral passou a exercer pressão ainda maior na população que vivia dentro dos limites do parque.

Em contra partida, a lei 4.771 de 1965 no art. 27, respaldava o uso do fogo para particularidades locais, desde que realizado de forma controlada. Nesse sentido, segundo Adams et al (2012) e Quinteiro e Baldini (2017), vários especialistas vêm defendendo que as florestas tropicais atuais evoluíram em conjunto com as atividades humanas, sendo a diversidade biológica uma resultante desse processo milenar, cuja erradicação desse sistema agrícola tradicional poderia representar uma extinção cultural diretamente relacionada à biodiversidade local já que fauna e flora tropicais dependeriam desses ciclos de distúrbio para manter sua exuberância e diversidade.

As culturas citadas como as mais cultivadas pelo sertanejo eram o milho, feijão, batata, batata salsa, arroz. Além da roça disseram ser comum a criação de alguns animais como galinhas, porcos e algumas áreas eram destinadas a pastagem. Jorge (2015) relata que em seus estudos no sertão durante os anos de 1994 e 1998, no que diz respeito à pecuária, por toda parte da Serra da Bocaina era possível encontrar pequenas criações extensivas de gado bovino e que, em poucos lugares, o número de animais ultrapassava os 50 por propriedade rural. O autor descreve ainda que os animais eram alimentados exclusivamente com pastagem natural o que tornava sua sobrevivência precária em épocas de estiagem.

Alguns informantes citaram a presença de campos nativos no sertão da Bocaina, relatando ser um local onde os animais eram colocados para pastar (1), local onde predomina o “capim campo nativo” (3), “a terra é ruim” (3), “não pode ser cultivada” (5) e onde “não nasce nenhuma árvore” (2).

“...campo nativo já vem da natureza mesmo, é tudo campo limpo, só nasce vassourinha da flor azul e marcega....candeia tem nos arredorzinho... não dá nada ...” (Informante 10)

Sobre essa informação existe controvérsias na literatura. Filho (2009) em seu estudo sobre a Serra da Bocaina relata que alguns autores chegaram à conclusão de que essas formações campestres não são naturais, não representam o clímax e, para provar essa assertiva, apresentam algumas objeções, como: a existência de pequenos trechos florestados nas partes convexas das elevações e a presença, em áreas do topo, das elevações de várias espécies arbóreas. Por definição o art 5º da Resolução nº10/1993 contempla o conceito de Campo de Altitude como:

“vegetação típica de ambientes montano e alto-montano, com estrutura arbustiva e/ou herbácea, que ocorre geralmente nos cumes litólicos das serras com altitudes elevadas, predominando em clima subtropical ou temperado. Caracteriza-se por uma ruptura na seqüência natural das espécies presentes nas formações fisionômicas circunvizinhas. As comunidades florísticas próprias dessa vegetação são caracterizadas por endemismos”.

Em uma conversa com um dos analistas do PNSB o mesmo relatou que os denominados campos nativos possuem vegetação característica de campo de altitude, porém não tem altitude para assim serem caracterizados (1600m), além de possuírem o solo bem fraco e desprovido de nutrientes. Relatou ainda que a exploração florestal,

principalmente da candeia que era abundante na região, era muito grande e combinada com o uso do fogo, que agregava valor ao produto final propiciando uma madeira resistente, leve e de maior qualidade, fazendo com que o solo se esgotasse. Sendo assim, o campo nativo pode tanto ser uma formação característica da região, como um fruto da exploração madeireira, ou da introdução de gramíneas exóticas nas pastagens, devendo haver maiores estudos relativos a essa questão.

Das atividades que os sertanejos realizavam, algumas outras foram citadas espontaneamente pelos informantes, como a confecção de casas de pau-a-pique, a extração de mel, a fabricação de queijo, a confecção de fubá no monjolo e o moinho para fazer canjiquinha. Os saberes envolvendo técnicas e atividades tradicionais são minuciosos, na maioria das vezes consoantes e outras refletindo detalhes e vivências particulares. Segundo o informante 11: “Dependendo do bairro, muda o clima e não dá as mesmas coisas...”

Sobre as tropas, a atividade foi bastante citada (9), sendo realizada principalmente pelos informantes homens ou, muitas vezes, pelos pais dos mesmos. Sobre essa técnica, existe muito saber envolvido, como a forma de guiar as mulas, como dispor os balaios, por onde passar, onde parar, entre outros

“...quando falava tropa era de 6 pra mais, era 12 burros....tinha a mula guia que tinha um pano vermelho e a serengue,\ e uma mula do coice que era da marca...o pano vermelho era pra mostrá que a tropa tava chegando... só homem que fazia tropa... porque era mais forte e mais sem medo....” (Informante 11)

Geralmente, era levado para vender na cidade de São José do Barreiro o capado (porco), frango, queijo e alguns excedentes da produção da roça, como feijão e milho. Na volta para casa levavam da cidade os produtos que tinham de ser comprados como o sal e o querosene.

Sobre o tropeirismo, Ferreira (1997) citado por Filho (2009) relata que durante quase três séculos, esse foi o único tipo de transporte possível nessa região montanhosa de trilhas íngremes que, na época, nenhum veículo de rodas conseguia vencer, sendo que apenas os animais enfrentavam os obstáculos difíceis das ladeiras de pedras soltas, contornando abismos e vencendo os desafios das trilhas na floresta. Essa prática teve sua grandiosidade em todo o Vale do Paraíba, porém o tropeirismo podia ser classificado de acordo com os volumes que transportavam sendo considerado tropeiro

de pequeno volume aquele que transportava diversos tipos de mercadoria (sal, fumo, pinga, óleo, etc) (FILHO, 2009). Esse era o caso dos sertanejos que só colocavam o fruto do seu trabalho no mercado das cidades vizinhas, esporadicamente, quando havia sobras e com o dinheiro obtido da venda adquiriam roupas, remédios e outros mantimentos necessários (JORGE, 2015)

A caça também foi citada por seis informantes, dois informantes relataram que quando a caça não era proibida ocorria esporadicamente.

“Nesse tempo não tinha proibição de caçar jacu e nambu, passarinho do mato... usava pólvora, espuleta....” (Informante 9)

“Caçava, aquele tempo não era proibido caçar....era jacu, paca, porco do mato....” (Informante 11)

A proibição da caça esta descrita da Lei N° 5.197, de 03 de janeiro de 1967, art. 1° “Os animais de quaisquer espécies, em qualquer fase do seu desenvolvimento e que vivem naturalmente fora do cativeiro, constituindo a fauna silvestre, bem como seus ninhos, abrigos e criadouros naturais, são propriedades do Estado, sendo proibido a sua utilização, perseguição, destruição, caça ou apanha.” com ressalva para “§ 1° - Se peculiaridades regionais comportarem o exercício da caça, a permissão será estabelecida em ato regulamentador do Poder Público Federal.”

Uma atividade que foi citada por oito informantes, foi o uso do fogo, que era comum por ser combinado com o preparo da roça ou manejo das pastagens e, sobre essa pratica, citaram que a utilizavam para limpar a área que seria usada para plantar a roça ou o capim. E, esse era realizado de forma controlada, utilizando de aceiros para limitá-lo.

“Caçava, aquele tempo não era proibido caçar...e. Era jacu, paca, porco do mato.” (Informante 8)

“O aceiro é de acordo com o vento, se o vento tiver contra pode ser mínimo....” (Informante 1)

“O tempo é de agosto a outubro pra fazer a roça....fogo era pra roça e no fogão de lenha....” (Informante 9)

“Pessoal queimava muito pra virar pasto e pra plantar....” (Informante 12)

Sobre o uso do fogo, observamos que existia uma forma de manejar o fogo, que sempre era controlado e limitado a pequenas áreas, representando uma fragmentação de um espaço total da floresta. Segundo Mistry e Bizerril (2011), o fogo é uma ferramenta de manejo muito antiga e amplamente utilizada no manejo e conversão das paisagens tropicais, desempenhando papel preponderante no sustento de milhões de pessoas devido a seu papel central em várias práticas agrícolas e sociais. Porém, a proibição por si não elimina os riscos de queimadas, que muitas vezes são criminosas, em trabalho realizado por Quinteiro e Baldini (2017), sobre memórias bioculturais no Parque Nacional de Itatiaia, foi verificado que o uso do fogo primeiramente realizado de forma controlada para auxiliar no manejo das roças e pastagens, hoje é colocada de forma criminosa e intencional, muitas vezes para incriminar os donos da terra e para agredir o Parque como forma de revolta. Pyne (1997) citado por Mistry e Bizerril (2011) diz que o impedimento ao acesso a recursos naturais, tradicionalmente usados tais como pastagens naturais, juntamente com as políticas que criminalizam as práticas de uso do fogo, têm levado ao aumento da incidência de incêndios como forma de protesto no meio rural.

Esse fogo, portanto, se alastra facilmente pela mata regenerada que cobre extensas áreas, um exemplo dessa situação é a quase previsível ocorrência anual de grandes incêndios em muitas áreas protegidas do mundo, na estação seca, como resultado do acúmulo de material combustível (MISTRY e BIZERRIL, 2011). No Parque Nacional da Serra da Bocaina, não é diferente, em estudo realizado por Torres et al (2016), em um período de 2008 a 2012, o parque concentrou 8,62% dos incêndios em parques nacionais do Brasil, sendo a maior porcentagem do estado do Rio de Janeiro, estado o qual segundo a pesquisa o parque esta inserido. Recentemente o Parque sofreu um de seus maiores incêndios, cerca de 500 hectares foram atingidos pelo fogo que se alastrou por cerca de 1600 hectares da Serra da Bocaina, incluindo os municípios de São José do Barreiro e Bananal (ICMBio, 2017).

A questão do fogo é tida atualmente como de grande importância, representando uma das maiores ameaças às unidades de conservação, o que tem gerado um novo olhar sobre as práticas de manejo do fogo, realizadas por comunidades tradicionais que fazem uso das roças como sistema de cultivo. Sendo assim, entender a complexidade das relações entre pessoas, fogo e áreas protegidas requer uma abordagem multidisciplinar e

participativa, com enfoque no processo de aprendizagem adaptativa de todos os atores sociais envolvidos na questão (MISTY e BIZERRIL, 2011).

Outra atividade que foi citada por nove sertanejos foi a confecção de balaios que geralmente era decorrente de outra atividade, as tropas. Geralmente, os balaios eram feitos pelos homens e para transportar mantimentos nas mulas ou para armazenar grãos na roça, como o milho. Algumas falas que contemplam o saber envolvido na confecção de balaios são:

“Balaio era mais os homem mas as mulher também fazia...e Eu fazia. balaio, pilão.” (Informante 11)

“Fazia e ainda sei, meus filhos não aprenderam a fazer... onde eu morava não tinha bambu, era taquara... cortava na lua minguante/nova....” (Informante 9)

Quando questionados se praticam alguma dessas atividades atualmente, a maioria (9) disse que apesar de ainda saber tais técnicas, não as reproduzem mais. Muitos (8) vivem hoje na zona urbana e não possuem mais terra para produzir, e por isso todas as outras atividades estreitamente ligadas à terra não podem mais serem realizadas. Em suas falas, entretanto, mesmo quando ainda habitavam o *sertão* e eram mais jovens, já encontravam-se impedidos de realizar algumas dessas atividades, um dos motivos esses, inclusive, que os levou a sair para a zona urbana do município.

“...sei fazê mas num faço mais, agora tudo é proibido...a taquara é proibida, num pode mais cortá...fogo não pode mais usá...o que traz lá de cima não consegue mais vende,...ficou difícil de viver no sertão...o queijo hoje tem que tê rótulo e embalagem, se não, não compra...até 2005 faziam o queijo na forminha e entregava no mercado...depois de 2005 a fiscalização chegou encima...só se consegue vender em casa, no mercado não,...” (Informante 1)

“Hoje eu não tenho terra, mas vou plantar um feijão porque o feijão ta caro... eu gosto de mexer com roça, o que você sabe nunca vai esquecer....é É bom plantar roça” (Informante 3)

Outra questão que eles colocam sobre por que não realizam mais as atividades tradicionais acima discutidas é que, devido à proibição colocada pelo PNSB e a grande pressão na fiscalização, se tornou difícil sobreviver no sertão, o que gerou crescente êxodo desse grupo de pessoas do território.

“Tudo acabou, virou Parque onde a gente morava... aí a gente não podia ta limpando mais, ficar fazendo roça.... eles iam La se a gente tivesse fazendo roça e murtava nois... sem avisar antes.” (Informante 11)

Sobre as mudanças observadas na paisagem foi levantada a percepção dos informantes de como estão as florestas hoje em dia, se estão aumentando ou diminuindo, como pode ser observado na Figura 10.

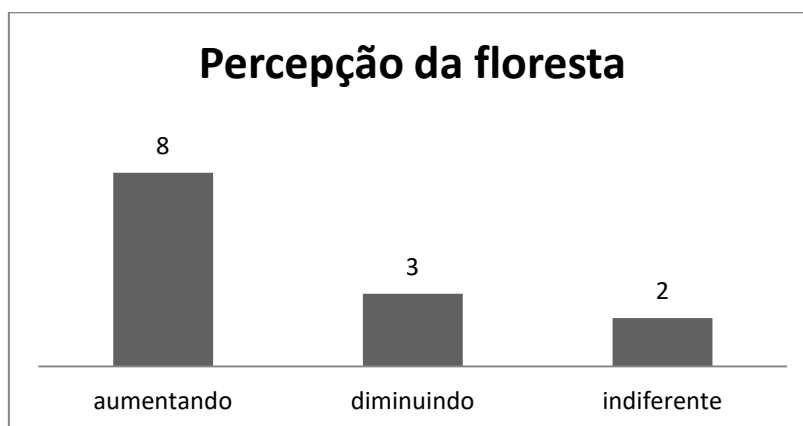


Figura 10: Respostas dos informantes sobre a percepção de como estão as florestas atualmente.

Sobre essa questão oito informantes disseram perceber que as florestas da região da Serra da Bocaina estão aumentando, devido o atual estado de preservação e da proibição da exploração dessas áreas, visto a implantação da unidade de conservação.

“Aqui na nossa região elas estão aumentando... porque é mais preservado, a fiscalização é mais rígida... hoje o povo tem mais consciencia né... por um lado foi ruim, mas também foi bom.” (Informante 13)

O mesmo informante ressalta ainda que deveria existir um meio termo, entre o parque e o sertanejo dizendo: “Acho que dava pra trabalhar os dois e até melhor do que é (sertanejo e Parque) porque antes tinha até morte”. Esse informante mencionou que há uma historia que um sertanejo foi assassinado por um guarda parque quando colhia feijão em sua roça.

Ainda sobre a questão, três informantes disseram perceber que as florestas estão diminuindo e acham isso devido ao mesmo fato de proibição do uso, mas nesse caso alegam que como o homem não pode mais utiliza-la, também não pode cuidar dela, como pode ser observado na fala do informante 3.

“Diminuindo... antigamente o povo cuidava mais, hoje em dia com o Parque não pode tirar... antes tinha mais porque cuidava...”

Dois informantes disseram ou que não sabem ou que está a mesma coisa, sendo colocados como indiferentes para essa questão, sendo que um destes justifica que em alguns lugares, como nas serras ela esta aumentando, mas que em outros estão predominando as pastagens e o eucalipto.

“Pra algum lugar ta aumentando e pra algum lugar ta diminuindo... hoje ta mais campo (branquiara e eucalipto)” (Informante 4)

“parou do jeito que tava, não ta nem aumentando nem diminuindo, ninguém ta plantando e não pode mais cortar.” (Informante 7)

A relação do sertanejo com a floresta é muito grande, e sobre qual a importância que esta tem para esse grupo as respostas foram variadas, havendo aqueles que listaram inúmeros produtos e funções da floresta que estão intimamente relacionadas ao cotidiano, até aqueles que disseram não haver importância alguma. No entanto, a falta de atributos positivos da floresta foi atribuída por apenas um informante que disse que a floresta não disponibiliza nada de bom para o homem.

“Nada ué, catá o que? Catá mato? Come mato?” (Informante 13)

Todos os outros informantes listaram inúmeras utilidades para a floresta. Dentre sua importância destacam a importância cênica, de regulação do clima, abrigo para a fauna dentre outros serviços ambientais, como pode ser observado na Figura 11, podendo o mesmo informante ter listado mais de um item na resposta.

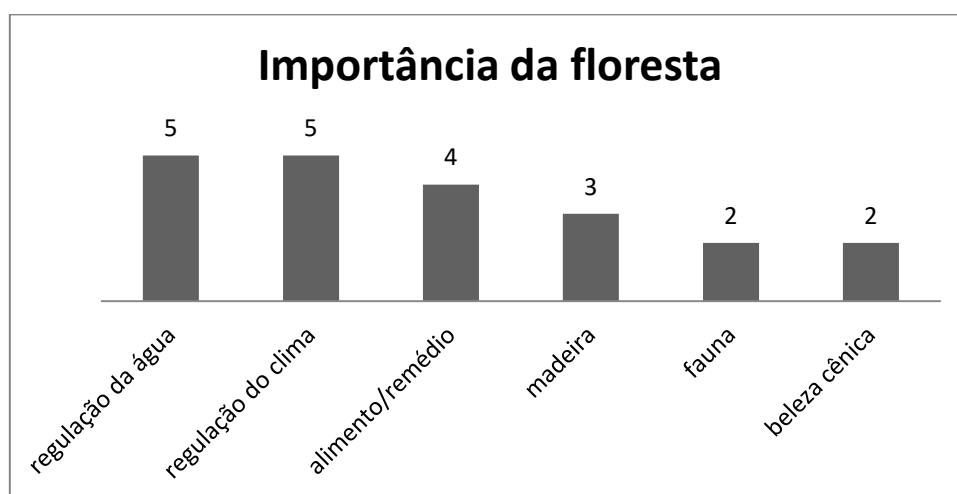


Figura 11: Classificação da importância da floresta para os sertanejos.

A Regulação climática e da água estão relacionadas em suas percepções. Para os informantes a floresta é importante para diminuir a incidência solar e deixar as temperaturas mais amenas.

“Se a floresta acabar o solo vai acabar, sol vai matar a gente...”
(Informante 1)

“Floresta é bom porque fica mais fresco, pra vim mais chuva...”(Informante 5)

“Floresta é importante porque o ar é totalmente diferente...a Ajuda na água também porque a água evapora e a arvore segura a umidade...” (Informante 7)

A floresta também é importante pelo o que ela disponibiliza. Sobre essa questão quatro informantes citaram sua importância por prover alimentos e/ou remédios e três pessoas citaram que as florestas são importantes pois produzem madeira que é necessária para construção de casas e para lenha, que é utilizada no fogão a lenha.

“...no passado a floresta era usada para fazer roça, caçar, tirar madeira para construir (canela, cedro, ipe, peroba) para serrar e guatambu, ipê para ferramenta” (Informante 1)

“É porque é nativo e não pode mexer. Tinha pau que era remédio (quina, canela, casca de bugre)... Quando a pessoa precisava tinha madeira, lenha... tinha umas coisa que dava fruta, as vezes tinha que plantar. Fruta nativa não tinha, só um tar de jataí que não era plantado.” (Informante 11)

“A gente pegava só a lenha pro fogão, porque antigamente era só fogão a lenha... Dava madeira, tirava quando precisava fazer uma casa. Tirava esteio, cipó pra amarrar o pau a pique... Cipó e tabatinga, cortava, fazia uma vassoura e com ele pincelava, rebocando pra ficar branca a parede.” (Informante 12)

“Tinha remédio porque quando ficava doente tinha que tomar remédio do mato. Chá de cambará, gerboião... Tinha palmito, pinhão... Dia 1º de abril começa a cair o pinhão lá na Bocaina.”
(Informante 12)

Foi observado que existe certa preocupação em relacionar a importância da floresta com o controle da fauna, sendo citado por dois informantes que a importância da floresta esta na conservação da fauna.

“...se a floresta acaba, acaba os bicho, as caça também acaba...”
(Informante 1)

“...sossego...trabalho...sem a umidade o verde não tem como vivê, pros animais, os passarinhos...muita comida pros bichos vivê, as nascentes, a água...” (Informante 2)

Também foi verificado que dois informantes citaram que a floresta tem uma importância cênica:

“...tem que ter mais arvore, flor, planta, porque hoje não tem mais...pra ficar mais bonito e florido.” (Informante 3)

Sobre o regime das águas atualmente, foram unânimes em dizer que esta está diminuindo, tanto o regime de chuvas quanto o volume de água nos rios. Essa observação parece gerar questionamentos, já que para eles a floresta está aumentando, como poderiam as águas estarem diminuindo?. Parece haver uma contradição do que eles “ouvem dizer” e o que realmente está em suas percepções.

“A floresta é importante porque se for nascente d’água e tiver floresta ela já ajuda a água.... mas antigamente a gente roçava e queimava e a água era a mesma.... acho que essa coisa de acabar é mistério de deus mesmo....” (Informante 10)

“...floresta é importante.... arrumaram um negocio com a floresta que a água ta acabando por causa da lavoura.... não é nada disso, a água ta acabando por causa do giro da natureza.... não é a mata que da água não, provado que não é. ...”(Informante 6)

Sobre essa questão eles dizem ainda haver grandes mudanças climáticas ocorrendo atualmente, como o calor que tem aumentado, e as geadas que eram comuns na região não ocorrem mais, afirmando que a diminuição do volume de água e de chuvas é recente, de 4 a 5 anos atrás. Refutam, portanto, a ideia de que foram os sertanejos que provocaram essas alterações.

Sobre o uso, pretérito e presente da floresta esses responderam que hoje em dia não se pode mais retirar nada da floresta porque é proibido por lei.

“No passado era pra fazê roça, plantação, caça, madeira pra construção...a floresta é a madeira...hoje usa ela é usada como reserva de madeira, pra esperá a chuva, podê segurá a umidade,...” (Informante 1)

“...vivia da floresta, carvão, roça, plantava de tudo, cortava madeira, tinha uns mato que era remédio, tirava pinhão e palmito... hoje em dia não pode mais pegar...” (Informante 4)

“...antes a floresta era mais usada, tinha arvore que cortava e fazia moveis... remédio era o que mais tinha na floresta.... fruta de algumas também... hoje não pode fazer nada com ela, é bom que ela vai descansando né....” (Informante 7)

Aspectos etnoecológicos da Candeia

A candeia foi uma espécie bastante citada pelos informantes pela sua intensa exploração nos sertões da Bocaina durante determinado trecho da história dessa paisagem. Acredita-se que a fase de maior exploração da espécie foi pouco antes da sua proibição pelas leis impostas pela criação do Parque, em 1970 e coincidiu com a fase de intensificação da pecuária na região, a partir de 1900 (DEVIDE et al, 2014).

Não foi possível coletar as espécies reconhecidas por esse nome popular devido à dificuldade de logística e de acesso as áreas de serra a qual a espécie é por eles descrita como de ocorrência. Por isso foi pesquisado na literatura quais espécies recebem esse nome vulgar e foi observado que a candeia é reconhecida como diferentes como: *Eremanthus arboreus* (Gardner) MacLeish, *Eremanthus brasiliensis* (Gardner) MacLeish, *Eremanthus polycephalus* (DC.) MacLeish, *Eremanthus glomerulatus* Less., *Eremanthus erythropappus* (DC.) Macleish e *Eremanthus incanus* (Less.) Less. Sendo que destas, as duas últimas são as de maior ocorrência e que possuem maior discussão na literatura (SCOLFORO et al, 2002).

A espécie *Eremanthus erythropappus* é a espécie mais citada na literatura e que possui suas características semelhantes às informadas pelos sertanejos. No Brasil, ocorre nos Estados de Minas Gerais, Bahia, Espírito Santo e Rio de Janeiro, podendo ser encontrada também nos estados de Goiás, Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo e Distrito Federal (CARVALHO, 1994). Segundo Santana (2010) é uma das espécies típicas de regiões de maior altitude da região Sudeste do Brasil, onde tende a formar florestas monodominantes, os candeiais. Uma característica interessante dessa espécie é que ela se desenvolve em sítios com solos pouco férteis, rasos e, predominantemente, em áreas com altitude entre 900 e 1.800m (PÉREZ et al, 2004).

Historicamente, a candeia foi explorada de forma desordenada, principalmente em Minas Gerais, local de maior dominância das espécies *E. erythropappus* e *E. incanus*, sem que fosse seguido critérios de um manejo que buscasse a minimização de impactos. A procura pela espécie é decorrente de seu elevado potencial econômico, sendo uma espécie florestal de múltiplos usos, utilizada como moirão de cerca pela sua durabilidade, e também por produzir um óleo essencial cujo princípio ativo é o

alfabisabolol, que exibe propriedades antiflogísticas, antibacterianas, antimicóticas, dermatológicas e espasmódicas (SCOLFORO *et al*, 2002).

No estado de São Paulo, no entanto, não há muitos registros de ocorrência da espécie na bibliografia, porém o que os sertanejos relatam é que a espécie pode ser encontrada em abundância no sertão. Portanto é importante que se compreenda melhor qual a representação da espécie nessa região particular, além de melhor compreender como ocorre e ocorria seu manejo.

Quanto ao que foi levantado, quando questionados sobre a floração da espécie, apenas três informantes responderam à pergunta, cada um dizendo um período diferente; os outros dez informantes disseram não saber. Justificaram que ela não possui uma floração vistosa e que seus frutos são secos, o que nos faz perceber que essa passa despercebida pela maioria dos informantes.

“época dela da flor é agosto/setembro” (Informante 3)

“não lembro, maio/junho setembro/outubro” (Informante 8)

“Não lembro o tempo que ela da flor, mas acho que já passou... ela começa de novembro pra cá, agora ela já ta acabando.” (Informante 12)

A forma como a planta é propagada, se essa é cultivada ou nasce espontaneamente foi questionada e apenas um informante disse não saber, todos os outros disseram que ela é uma espécie nativa, que não se planta, nasce naturalmente no mato, se alastrando com facilidade em áreas com características físicas favoráveis.

“candeia é nativa, não precisa plantar nem da com terra boa, só da em alto de espigão.” (Informante 6)

“Ela nasce uma árvore e vai alastrando. De semente não sei se dá.” (Informante 12)

“Não consegue plantar, ela é nativa né.” (Informante 13)

Sobre a diversidade de espécies reconhecidas como candeia, seis informantes citaram que há duas espécies, a candeia e o candeião. No entanto não foi encontrado na literatura nenhuma referência para o nome vulgar candeião.

“...tem candeia do cerrado e uma de várzea, o candeião.... a do cerrado da em campo e em lugar de terra mais seca.... o candeião tem a folha mais graúda e madeira mais grossa....” (Informante 1)

“...tem uma candeia que chama candeião e a outra é candeia mesmo....” (Informante 7)

“...tem candeirão e candeia.... na beirada do mato tem candeirão, no campo nativo.... Candeia tem em lugar seco e no meio do mato”
(Informante 8)

Sobre sua interação com a fauna, seis informantes disseram não haver nenhuma interação, pois a candeia tem cheiro muito forte e seus frutos são secos, o que não atrai animal algum.

“...não é visitada por bicho por causa do cheiro dela que é muito forte....” (Informante 7)

“Não porque ela é uma planta seca né....” (Informante 12)

Entretanto, quatro informantes disseram que a abelha costuma visitar as flores da candeia e sobre isso houve um informante que disse que se fazia mel de candeia.

“Flor era usada pela abelha pra fazer mel... na época era muito pouco quem pegava mel, mas a abelha visitava bastante a candeia...”
(Informante 12)

Sobre a unidade de paisagem onde a candeia é mais ocorrente, surgiram denominações relacionadas com as características vegetacionais e geográficas como pode ser observado na figura 12.

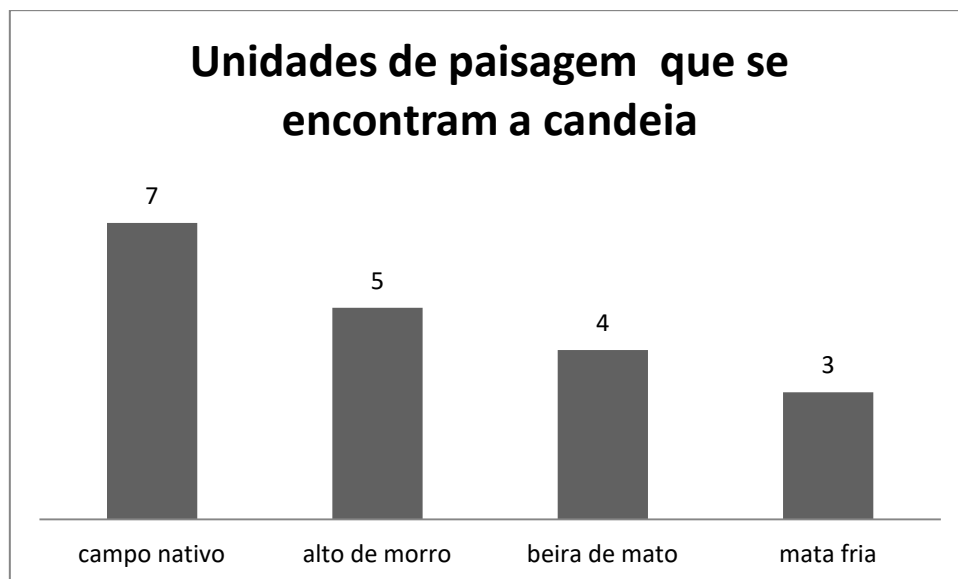


Figura 12: Respostas dos sertanejos para quais unidades de paisagem que a candeia pode ser encontrada.

As definições de unidades de paisagem foram dadas pelos sertanejos espontaneamente, da forma como eles caracterizam e observam as florestas. Sendo descrito por eles que o campo nativo, como já foi mencionado, são grandes áreas

cobertas por capim, ou outra vegetação rasteira e herbácea com solo muito fraco, desprovido de nutrientes e onde nenhuma outra forma vegetativa consegue se estabelecer, se assemelhando bastante com os campos de altitude. Segundo Carvalho (1994), a candeia se classifica como pertencente ao grupo ecológico das pioneiras, considerada precursora na invasão de campos.

Alguns informantes (5) citaram que a candeia pode ser encontrada com facilidade em “altos de morro”. Segundo Scolforo *et al* (2003), a espécie *E. erythropappus* ocorre em regiões de altitude elevada, com esta variando entre 1.000 e 1.700 m. A unidade de paisagem “beira de mata”, citada por quatro informantes se refere a uma zona de transição entre duas vegetações distintas. Estudos realizados com a espécie *E. erythropappus* no estado de Minas Gerais mostraram que a candeia é classificada como uma espécie ecótona, ocorrendo nas áreas de transição entre as matas semidecíduais e os campos abertos (cerrado) ou, também, os campos de altitude (SCOLFORO *et al.*, 2002).

A unidade “mata fria” possuiu menos citações (3), podendo ser referencia de um local que a espécie é menos ocorrente, nesse caso o termo se refere as matas mais densas, com maior umidade e que recebe menos iluminação solar. Como as florestas semidecíduais ou ombrófilas densas (submontana, montana e alto montana), que são ocorrentes na região, porém que não se referem a habitats preferíveis para a espécie se desenvolver, visto que essa é uma espécie pioneira que necessita de bastante incidência de luz.

Sobre as áreas de ocorrência da candeia, houve relações com características físicas e biológicas do solo, relacionadas ao melhor desenvolvimento da espécie em terrenos acidentados e com solo empobrecido. Geralmente regiões que não ocorrem outras espécies, e que sempre ocorreu candeia, regiões que mesmo que a espécie seja cortada ela vai rebrotar. Apesar da preferência da candeia por solos empobrecidos, os sertanejos disseram que nesse tipo de solo ela se desenvolve menos que em beiras de grotas, com terra úmida, onde seu diâmetro é maior.

“Terra alta, seca e fraca e na borda da terra forte... beirando a terra forte ela dá mais grossa... candeia depende da terra, na beira de grotas da candeia grossa. Terra seca, em beira de carrasteira, da candeia fina.” (Informante 10)

“Cresce nos lugar mais seco... no meio da floresta as vezes da uma aqui, outra lá... onde é candeiar cê pode plantar as coisas que não sai... se é lugar que já teve candeia ela vai sair.” (Informante 11)

Na literatura, podemos citar que a candeia (*Eremanthus erythropappus*) é considerada precursora na invasão de campos, se desenvolve rapidamente em campos abertos, formando povoamentos mais ou menos puros (SCOLFORO et al, 2002). Isto também acontece dentro da floresta quando há alguma perturbação, pois é uma espécie heliófila, sendo beneficiada pela entrada de luz (SCOLFORO et al, 2002).

Sobre qual etapa de regeneração da floresta que a candeia surge, os informantes não souberam responder diretamente essa questão. Mas cinco informantes disseram que onde é mata de candeia, só a candeia brota, mesmo que essa seja cortada ela vai regenerar. E que ela pode ocorrer eventualmente no meio da mata fechada, mas que geralmente ocorrem em povoamentos puros.

“quando dá candeia é só candeia, monte dela. No campo pode acontecer.” (Informante 5)

“terra ruim, onde tem muita candeia. No lugar que ela da ela volta, mas não da boa.” (Informante 6)

A regeneração natural é a forma mais antiga de renovação de uma floresta e a consideração de critérios ecológicos pode ser importante na conservação e regeneração da espécie (ARAÚJO, 2012). A manutenção de populações naturais é dependente do desenvolvimento de sua regeneração natural; e o monitoramento e entendimento da dinâmica natural em remanescentes são de fundamental importância para conservação e para propor ações de manejo cabíveis (VALENTE, 2010). Nesse contexto as informações ecológicas coletadas junto dos sertanejos podem ser importantes para propor futuras e possíveis formas de manejo para a espécie.

Como foi relatado, a candeia é uma espécie importante do ponto de vista econômico. Atualmente há grande procura pelo óleo extraído principalmente da sua madeira, que é base para diversos cosméticos. Mas seu uso atual se difere do passado quando era realizado tanto para subsistência do sertanejo, quanto para comercialização.

Sobre essas diferentes formas de uso, no passado e presente, e sobre seu estado de conservação atual as resposta se complementaram. Os informantes disseram que

antigamente ela era bastante explorada, principalmente pela qualidade e resistência da sua madeira para mourões de cerca (9), como esteio nas casas de pau-a-pique (7), além de ser utilizada como lenha para o fogão a lenha (2), apesar de alguns (3) informantes relatarem que o cheiro forte de sua madeira incomodava um pouco na queima. O uso da casca, servindo de telha para as casas de pau-a-pique também foi citado por um informante.

“candeia era mais pra cerca, miúdo deles fazia lenha. Cortava candeia e vendia pras fazenda mais longe, comprava pra fazer cerca.” (Informante 4)

“no sertão a candeia dura uns 80/100 anos. Tirava muito e vendia pra cerca, a candeia descia aqui pra baixo e vendia. Era boa pra fazer esteio de casa.” (Informante 7)

“A candeia o pessoal tirava, não sei pra que era, mas tirava pra levar no burro... de fecho, fazia os fecho e pindurava no cabeçote da cangalha... Agora cê imagina, 12 burros, cada um com 2 feixe, quanta madeira não vinha... A madeira era pra cerca, alguns fazia esteio, pra lenha fedia muito.” (Informante 12)

Apesar de alguns (5) informantes citarem utilizar a candeia para suprir suas demandas pessoais, alguns (5) disseram que a candeia era extraída para ser vendida na cidade. Grandes fazendas compravam a madeira que saía aos montes, por tropa e depois por caminhão do sertão.

“Tirava candeia pra vender. Antigamente meu pai tirava muita madeira de candeia (inclusive para fazer telha). Antigamente não era proibido, o povo vivia de candeia” (Informante 3)

“usava pra fazer esteio de casa e muito pra cerca. Trabalhava pra fazendeiro que vendia. Tinha de 10 a 12 burros que descia a serra. Pra lenha não era boa, era boa só pra acender o fogo mas cheirava forte.”(Informante 5)

“tinha muita, cortei pro pasto mas nunca mexia. Mas o povo mexia, saía caminhão de candeia e madeira cerrada. Candeia era pra fazer cerca a madeira não era grossa só servia pra isso.”(Informante 6)

Hoje em dia com a proibição da sua extração, bem como da extração de madeira de um modo geral, é esperado que os povoamentos de candeia tenham voltado a ocorrer com densidade na Serra da Bocaina. Porém, três informantes disseram que devido a falta de manejo da floresta, do crescimento e desenvolvimento de outras espécies, a candeia diminuiu.

“...De jeito nenhum pode tirar a candeia, se tirá o guarda prende nós... faz 40 anos que eles tiravam tudo a candeia e agora ta voltando.” (Informante 8)

“Diminuiu. Não tem quem cuida. Bastante até tem, mas ninguém cuida e ela não presta. Pra cuidar tinha que limpar embaixo, tirar os galhos que ta judiando dela. Tem lugar que pode até ter bastante, mas boa e que preste não dá mais.” (Informante 2)

Segundo Scolforo *et al* (2002), por ser uma espécie que exige intensa presença de radiação para o seu desenvolvimento, espera-se que a candeia apresente elevada regeneração nas áreas submetidas ao manejo, uma vez que é propiciada à abertura de clareiras, que sugere um alto potencial regenerativo na floresta. Dessa forma a proibição do corte por si pode não ser uma garantia de conservação para a espécie.

Em 2007 o estado de Minas Gerais criou a portaria 01, devido à necessidade de regulamentar a atividade de exploração da candeia e evitar que a espécie entrasse na lista das ameaçadas de extinção. Essa portaria dispõe, portanto, sobre as normas para elaboração e execução de um plano de manejo, para produção sustentada da candeia (MINAS GERAIS, 2007). Essa medida foi tomada a fim de desenvolver tecnologia para viabilizar o manejo dos candeais nativos e o plantio subsequente desta espécie. Havendo assim, além da alta relevância econômica da espécie, a clara convicção que a adoção de planos de manejo com base em critérios científicos não traria nenhum problema ambiental e sim seria uma solução para o não assoreamento dos cursos de água e a não substituição de áreas com vegetação nativa por outras culturas que nas áreas de campos de altitude são de baixíssima produtividade (SCOLFORO *et al*, 2002).

A portaria foi a principio, bastante satisfatória para o estado de Minas Gerais, até o final do ano de 2009 foram apresentados cerca de 130 planos de manejo, para a candeia, representam uma área total manejada de 1.107,71 hectares e um volume de madeira extraída das áreas nativas em torno de 30.521,89 m³ (ARAÚJO, 2012). Não se espera toda essa proporção para a Serra da Bocaina, até porque a área de domínio da candeia se encontra dentro de uma unidade de conservação de proteção integral. Porém medidas de manejo se apresentaram eficientes para contribuir para o bom estabelecimento da espécie nativa, agregando bons atributos ecológicos na área.

Segundo Araújo (2012) os povoamentos de candeia que foram avaliados quanto a eficiência do manejo, apresentaram melhor desenvolvimento da espécie para

aqueles que sofreram desbaste. Segundo a portaria, só podem ser manejados as áreas que possuem pelo menos 70% de dominância da espécie e nesses casos deve ser efetuado o corte seletivo. Nessas áreas a regeneração da candeia ocorre em maior quantidade devido a maior incidência de radiação solar, além da ausência de competição com samambaias e outras espécies nativas, formando agregados nas parcelas (ARAÚJO, 2012).

Dessa forma, áreas de candeia manejadas podem apresentar diversos benefícios ambientais. Considerando propriedades em que o manejo do candeal for implementado, pode-se citar: o impedimento do acesso de animais domésticos às áreas sujeitas ao manejo, já que as mesmas deverão ser imobilizadas ou cercadas; poderá haver aumento das áreas marginais dos candeais se forem implementados tratamentos adequados ao manejo; eliminação das queimadas e principalmente o desenvolvimento de uma maior conscientização ambiental por parte do detentor do plano de manejo (PÉREZ *et al*, 2004).

Aliado aos benefícios ecológicos da espécie, a implantação de um manejo adequado pode gerar renda para os produtores rurais, e no caso dos sertanejos, poderia ser uma alternativa para manter essas pessoas no seu território de origem. Sendo assim, outro aspecto a se considerar sobre a espécie é seu potencial econômico.

Segundo Scolforo *et al* (2003), a madeira de candeia tradicionalmente foi muito empregada na construção naval, construção de canoas, lenha, e postes mas ultimamente os principais produtos obtidos da candeia são moirões para cerca e óleo essencial do qual é extraído o alfabisolol. O comércio de moirões se inicia com o corte da árvore, que é realizado pelos trabalhadores rurais. Esses trabalhadores são pessoas não-proprietárias de terras que, na maior parte do tempo, dedicam-se à retirada de candeia em terra de terceiros que residem em zonas rurais e urbanas dos municípios onde a candeia ocorre com abundância (SCOLFORO *et al*, 2003). O salário pago por dia de trabalho pode variar bastante, mas em média o salário diário de um trabalhador varia de R\$ 6,00 a R\$ 12,00 e o preço pago pela dúzia de moirões da espécie *Eremanthus incanus*, colocada na beira da estrada, varia de R\$2,00 a R\$ 5,00 (SCOLFORO *et al*, 2003). Segundo o mesmo autor, este valor depende do diâmetro dos moirões, da quantidade de moirões existentes por unidade de área, da proximidade das estradas para onde os moirões serão baldeados, da topografia da área, e de outras dificuldades encontradas para cortar e retirar a madeira de dentro do candeal.

O processo inicial de corte para a comercialização da madeira para a extração do óleo, é o mesmo que para a venda para moirões. Realizada pelos trabalhadores rurais que utilizam das mesmas ferramentas e técnicas. Porém as indústrias que produzem óleo de candeia pagam cerca de R\$75,00 pelo metro “stere” (empilhado) de madeira colhida em florestas com planos de manejo aprovados pelos órgãos responsáveis, quando a madeira é clandestina, ou seja, não tem origem comprovada, o preço do metro “stere” cai para R\$ 40,00 (PÉREZ *et al*, 2004). O óleo de candeia natural bruto e o alfabisabolol natural são os produtos da candeia que atingem os preços mais altos no mercado, sendo comercializados pelas indústrias produtoras a US\$20.00 e US\$50.00, respectivamente (PÉREZ *et al*, 2004). Há no Brasil cinco indústrias que extraem o óleo de candeia natural bruto, sendo duas em São Paulo, duas em Minas Gerais e uma no Paraná (SCOLFORO *et al*, 2003).

Dessa forma, os sertanejos além de possuírem elevado conhecimento sobre a espécie, relataram observar que é evidente a falta de manejo da espécie no sertão da Bocaina e que esse, se realizado de acordo com normas e critérios, poderia ser gerador de renda para essas pessoas, além de promover a biodiversidade local.

CONCLUSÃO

Os *sertanejos* entrevistados, apesar de não viverem mais no território o qual origina sua autodenominação, sente que ainda pertence a esse território e guardam na memória diversos processos que eram fundamentais para sua sobrevivência. Entre esses o uso de algumas práticas e técnicas comuns, particular dessas pessoas no território *sertão*, como: a forma de realizarem a roça, característica pelo uso da técnica de coivara; os hábitos alimentares, principalmente do feijão e milho, como base alimentar herança dos indígenas e aproveita as características climáticas da região; os hábitos tropeiros, que eram necessários devido ao distanciamento dos centros urbanos que faziam com que o sertanejo tivesse que viajar dias para vender o excedente do que produzia ou trocá-lo por produtos que eram necessários; o conhecimento sobre a fauna e flora da região; o processamento da madeira para construir casas; os remédios que utilizavam e os animais que caçavam para se alimentarem; as manifestações culturais; o mapeamento mental sobre o sertão e as diferentes unidades de paisagem; dentre outras.

Também muito presente em suas memórias, apesar de não constituir um dos objetivos desse trabalho, a criação do parque e a forma como foi construído, além principalmente, das proibições que essa gerou. Impedindo o sertanejo de efetuar técnicas comuns do seu cotidiano como o uso do fogo, caca e corte de madeira da floresta, que geraram sentimentos de injustiça e perda, visto que essa era a forma que viviam.

O uso de tais técnicas denota um conhecimento minucioso e acumulado não apenas individual, mas coletivamente, caracterizando uma memória biocultural construída em diferentes níveis. Primeiramente, trata-se de um nível geracional, de uma memória adquirida historicamente, acumulada e transmitida, estando presente nessa perspectiva a miscigenação entre os povos brancos, negros e índios, que formou um conhecimento tão particular. Em segundo nível, uma perspectiva local compartilhada pelos *sertanejos* presentes em um mesmo tempo geracional dentro do território *sertão*, provido de características particulares de localização e estrutura ecossistêmica. Por fim, também é construída a partir da experiência pessoal e particular do produtor e sua família, pautado nas características físicas do espaço e das necessidades demandadas pela unidade familiar.

Em relação a paisagem, o *Sertão da Bocaina* sofreu mudanças com o passar do tempo, em partes determinada pelo seu uso e ocupação pelos *sertanejos*. A exploração dos recursos naturais para subsistência, como ocorria com os sertanejos, que retiravam da mata madeiras para construir suas casas, cortavam o mato para produzirem suas roças, queimavam para abrir campos limpos para pastagem, caçavam para se alimentar, exploravam a candeia para vender, desencadeou em uma perda da floresta. Diante disso, temos que o manejo, por mais sustentável que seja possui delicado limite de suporte de acordo com sua escala de uso. Limites esses não apenas relacionados ao número de pessoas que residiam, mas também às mudanças nas legislações ambientais, que ocasionam mudanças nas pressões de uso. A proibição do fogo e da caça, por exemplo, fez com que outros recursos tivessem que ser acessados ao proibir a base da alimentação. Podendo ser citado o aumento das pastagens para criação de gado para produção de leite ou a maior venda de candeia, gerando renda para comprar o que antes era produzido.

Atualmente o número de *sertanejos* é bem reduzido, mas houve uma época que o número de famílias residentes do *sertão* era bem maior, o que poderia gerar danos

permanentes aos recursos naturais se essa população continuasse a aumentar. Além da ocupação crescente, a pressão gerada pela legislação no uso de técnicas usuais do *sertanejo*, que desfavorece o uso múltiplo, levaria a perda da biodiversidade rapidamente. A garantia na utilização de diferentes práticas é fundamental para o *sertanejo* por gerar autonomia e principalmente para o meio ambiente, para não sobrecarregar o sistema.

Dessa forma, um marco histórico na vida dos *sertanejos* e na paisagem do *sertão* foram as legislações ambientais, que lá foram sentidas na criação do Parque Nacional da Serra da Bocaina que modificou drasticamente seu modo de vida. Proibidos de realizarem até mesmo suas atividades de subsistência, muitos se viram impedidos de viver no *sertão*. A consolidação da unidade de conservação, aparentemente benéfica do ponto de vista da conservação, gerou outros danos e ameaças à biodiversidade. Se por um lado às práticas de subsistência como o uso do fogo, caça e manejo da candeia apresentavam danos aos recursos naturais, a proibição destas não dirimiu o problema.

Atualmente o fogo é colocado de forma criminosa e intencional e se alastra por grandes áreas já que a floresta esta preservada e consolidada e sobre esse o controle é quase impossível; os grandes eucaliptais observados, são uma alternativa de uso a candeia, mas geram tantos outros problemas, se tratando de um monocultivo, exótico, nada favorável para a qualidade do solo. Além de ser observado por eles que os povoamentos de candeia, pela falta de manejo estão se alastrando rapidamente, invadindo grandes campos com uma única o que pode comprometer, em partes, a biodiversidade local. A criação do gado de corte, uma das alternativas da caça, traz consequências semelhantes ao eucalipto, com o agravante de estar presente inclusive na paisagem do Parque.

Não há como medir, portanto, qual cenário é mais vantajoso e traz mais benefícios ecológicos, tendo em vista que ambos englobam processo complexos de relação entre o homem e a natureza. Mas podemos dizer que grupos menores, geralmente tradicionais, são culpabilizados em detrimento das ameaças à biodiversidade causadas por grandes complexos econômicos, vinculados ao grande capital e sobre essa questão temos algumas certezas:

1) complexos como a pecuária, monocultivo de eucalipto e o turismo, por movimentarem mais intensamente a economia, são menos culpados pela perda da

biodiversidade. Nesse contexto vale ressaltar que no PNSB a atividade tradicional do sertanejo é proibida, mas as atividades de um hotel de luxo não foram limitadas, pelo contrário, servem de atrativo para o local;

2) a forma como nossa ciência da conservação vem sendo concebida, a partir de proibições de formas de usos milenares o dos recursos naturais, por comunidades tradicionais, nos locais onde estas atuam há gerações, gerou danos culturais a um povo que possuía tanto conhecimento sobre a região e que poderia ter sido usado para o próprio enriquecimento da área, mas que por outro lado tem gerado sentimentos de revolta muitas vezes transpassados por atitudes que agridem ainda mais o ecossistema;

3) a perda das memórias bioculturais são também uma ameaça visto que a biodiversidade é um fenômeno também cultural, ou seja, as extinções e erosões não são apenas fenômenos físicos e denotam perdas de nosso patrimônio imaterial.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

ADAMS, C.; FILHO, A. A. R.; JUNIOR, N. P. Coivara: cultivo itinerante na Floresta Tropical. **Revista CienciaHoje**, v. 50, n. 297, p. 26-30, 2014.

ALBUQUERQUE, U. P.; RAMOS, M. A.; ALENCAR, N. L. Methods and Techniques Used to Collect Ethnobiological Data In: ALBUQUERQUE, U. P.; et al. **Methods and Techniques in Ethnobiology and Ethnoecology**. Springer, New York, p.15-38. 2014.

ALMEIDA, G. M. A. **Etnoecologia da paisagem e historico de manejo tradicional de *Attalea speciosa* Mart. ex Spreng na Chapada do Araripe, nordeste do Brasil**. 2014. 66f. Dissertação (Pos-graduação em ecologia) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife.

ARAÚJO, E. J. G., **Avaliação e análise de planos de manejo da candeia (*eremanthus erythropappus* (DC) MacLeish)**. 2012. 155f. Dissertação (Pós-graduação em Ciências Florestais) – Universidade Federal de Lavras.

BERKES, F. et al. Exploring the Basic Ecology Unit: Ecosystem-like concepts in traditional societies. **Ecosystems**. V, 1. P, 409-415. 1998.

BRASIL. Ministério Público Federal. Câmara de Coordenação e Revisão, 6. *Territórios de povos e comunidades tradicionais e as unidades de conservação de proteção integral: alternativas para o asseguramento de direitos socioambientais / 6*. Câmara de Coordenação e Revisão; coordenação Maria Luiza Grabner ; redação Eliane Simões, Débora Stucchi. Brasília : MPF, 2014.

BRASIL, Lei 4.771 de 15 de setembro de 1965. Institui o novo código florestal. Brasília, DF. 1965.

BRASIL. Lei 5.197 de 03 de janeiro de 1967. Lei de Proteção à Fauna. Brasília, DF. 1967.

BRASIL. Resolução CONAMA nº10 de 01 de outubro de 1993. Estágios sucessionais do bioma Mata Atlântica. Brasília, DF. 1993

CARVALHO, P. E. R. **Espécies florestais brasileiras: recomendações silviculturais, potencialidades e uso da madeira**. Brasília: EMBRAPA-CNPQ, 1994. 640 p.

CRUZ, T. M. S. **Etnoecologia de paisagens na terra indígena Ibirama Laklãnõ, Santa Catarina, Brasil.** 2014. 326f. Dissertação (Pós-graduação em Ecologia) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

DEVIDE, A. C. P.; et al. História do Vale do Paraíba Paulista, Brasil. **Revista Biociências**, v. 20, n. 1, p. 12-29, 2014

DIEGUES, A. C.; et al. **Os Saberes Tradicionais e a Biodiversidade no Brasil.** Ministério do Meio Ambiente , dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal. Universidade de São Paulo, 2000.

DIEGUES, A. C. **O mito moderno da natureza intocada.** 6. Ed. São Paulo: Ed HUCITEC NUPAUB, 2008. 189 p.

ESCOBAR, A. **El final del salvaje: Naturaleza, cultura y política en la antropología contemporánea.** Bogotá: Instituto Colombiano de Antropología/CEREC, 1999. 401 p.

FELIPIM, A. **O sistema agrícola Guarani Mbyá e seus cultivares de milho: um estudo de caso na Aldeia Guarani da Ilha do Cardoso, município de Cananéia, SP.** 2001. 135f. Tese (Mestrado em Ciências Florestais) – Universidade de São Paulo, Piracicaba.

FILHO, F. D. A. **O “Caminho novo”: o vale histórico da Serra da Bocaina – opulência e decadência da sub-região paraibana paulista (reintegração de um espaço geográfico deprimido).** 2009. 186f. Dissertação (Pós-graduação em geografia) – Universidade do Estado de São Paulo, Rio Claro.

HANAZAKI, N. **Comunidades, conservação e manejo: o papel do conhecimento ecológico local.** **Biotemas**, Florianópolis, v. 16, n. 1, p. 23-47, 2003.

HANAZAKI, N. Etnoecologia, etnobiologia e as interfaces entre o conhecimento científico e o conhecimento local. In: **Anais da 58^o Reunião Anual da SBPC.** Florianópolis-SC, 2006.

ICMBio. **Parque Nacional da Serra da Bocaina**, disponível em: <
<http://www.icmbio.gov.br/parnaserradabocaina/quem-somos.html>>. Acesso em
27/09/2017.

JORGE, R.R. Quem decide por nós é o IBAMA: As contradições na convivência com as populações locais no Parque Nacional da Serra da Bocaina. In: Ribeiro, H. **Olhares geográficos: meio ambiente e saúde**. São Paulo: Ed. Senac, 2015. p 31-63.

MINAS GERAIS (Estado). Portaria nº 01, de 5 janeiro de 2007. Dispõe sobre normas para elaboração e execução do Plano de Manejo para Produção Sustentada da Candeia - *Eremanthus erythropappus* e *Eeremanthus incanus* no Estado de Minas Gerais e dá outras providências. **Lex: Publicação - Diário do Executivo - "Minas Gerais"**, de 6 jan. 2007, Belo Horizonte, MG.

MISTRY, J. e BIZERRIL, M. Porque é importante entender as inter-relações entre pessoas, fogo e áreas protegidas? **Revista Biodiversidade Brasileira – Intituto Chico Mendes**, ano I, n. 2, p. 40-49, 2011.

MOREIRA, E. e PIMENTEL, M. O direito a autoidentificação de povos e comunidades tradicionais no Brasil. **Revista Fragmentos de Cultura**, v. 25, n. 2, p. 159-170, 2015

OLIVEIRA, R. R. de. Historia ambiental e ecologia de paisagem. **Revista Mercator**, v. 9, n. 19, p. 117-128. 2010a.

OLIVEIRA, R. R. de. Os cenários da paisagem. In. OLIVEIRA, R. R. de. **As marcas do homem na floresta: historia ambiental de um trecho urbano da Mata Atlântica**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2010b. p 23-36.

OLIVEIRA, R. R. de. “Fruto da terra e do trabalho humano”: paleoterritórios e diversidade da Mata Atlântica no Sudeste brasileiro. **Revista de história regional**. v. 20, n. 2, p. 277-299, 2015.

PERÉZ, J. F. M. et al. Sistema de manejo para candeia – *Eremanthus erythropappus* (DC) MacLeish – a opção do sistema de corte seletivo. **Revista CERNE**, v. 10, n. 2, p. 257-273, 2004.

PRADO, H. M. e MURRIETA , R. S. S. A etnoecologia em perspectiva: origens, interfaces e correntes atuais de um campo em ascensão. **Revista Ambiente & Sociedade**, v. 18, n. 4, p 139-160, 2015.

QUINTEIRO, M. M. C. **Etnobotânica aplicada à definição de formas tradicionais de uso, manejo e percepção dos recursos vegetais em Visconde de Mauá (RJ/MG): ações conjuntas para etnoconservação florestal da Mata Atlântica**. 2012. 238f. Tese (Doutorado em ciências ambientais e florestais) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica.

QUINTEIRO, M. M. C. e BALDINI, K. B. Memórias bioculturais do primeiro parque do Brasil. In: Seminário brasileiro sobre áreas protegidas e inclusão social, 8., Rio de Janeiro. **Anais do Seminário**. Rio de Janeiro: UFF, 2017.

RANGEL-LANDA, S.; et al. Ixcatec ethnoecology: plant management and biocultural heritage in Oaxaca, Mexico. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**. 2016.

ROCHA, J. A., NEFFA, E., DANIEL, D. Estudos etnobotânicos e dinâmicas socioambientais no Quilombo São José da Serra/RJ. In: Seminário Nacional da Pós-Graduação em Ciências Sociais – UFES, Espírito Santo, 2011.

SANTOS, A. C. dos As concepções de “território” na pesquisa histórica: o sertão paulista. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 13, p. 181-201, 2014.

SANTANA, G. C. **Sistema de manejo para a candeia - *Eremanthus erythropappus* (DC.) MacLeish – a opção do sistema de corte seletivo**. 2010. 59 f. Dissertação (Pós-graduação em Engenharia Florestal) – Universidade Federal de Lavras, Lavras – MG.

SCHMIDT, C. B. Áreas de alimentação: fronteiras entre a área do milho e a área da mandioca . fatores naturais que as delimitam. Contribuição para o seu conhecimento no estado de São Paulo. In: SCHMIDT, C. B. **O meio rural**, 2. Ed. São Paulo: Diretoria de publicidade agrícola da secretaria da agricultura. 1946. 50 p.

SCOLFORO, J. R. S. et al. Manejo sustentável da candeia *Eremanthus erythropappus* e *Eremanthus incanus*. **Relatório Técnico Científico**. Lavras: UFLA-FAEPE, 2002. 350 p.

SCOLFORO, J. R. S; OLIVEIRA, A. D.; DAVIDE, A. C. Manejo sustentado das candeias *Eremanthus erythropappus* (DC.) Macleish e *Eremanthus incanus* (Less.)

Less. In: Brandão, M. G. L. (Org.). **Plantas medicinais & fitoterapia**. Belo Horizonte: UFMG, 2003. v. 1, p. 13-22.

SOLÓRZANO, A.; OLIVEIRA, R. R. de; GUEDES-BRUNI, R. R. Geografia, história e ecologia: criando pontes para a interpretação da paisagem. **Revista Ambientes e Sociedade**, v. 12, n. 1, p. 49-66. 2009.

TOLEDO, V. M.; BARRERA-BASSOLS, N. **La memória Biocultural: La importância ecológica de las sabidurías tradicionales**. Barcelona: Icaria editorial s.a, 2008. 232p.

TORRES, F. T. P. et al. Perfil dos incêndios florestais em unidades de conservação brasileiras no período de 2008 a 2012. **Revista FLORESTA**, v. 46, n. 4, p. 531-542, 2016.

ZUQUIM, M. L. **Os caminhos da Bocaina: uma questão agrária ambiental**. 2002. 372f. Tese (Doutorado em arquitetura e urbanismo) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

ANEXOS

Anexo I: Termo de consentimento

Projeto: **Legados ecológicos e históricos do ciclo do café no Vale do Rio Paraíba do Sul (SP/RJ)**

Responsável: Mariana Martins da Costa Quinteiro

Tel.: (021) 99173 2427 E-mail: marianaquinteiro@gmail.com

Supervisora: Dr^a Eliane Maria Ribeiro da Silva (eliane.silva@embrapa.br)

Equipe: Prof. Dr. Rogério Ribeiro de Oliveira (PUC/RJ) (rro@puc-rio.br)

Mestrando Lucas Santa Cruz de Assis Brasil (PUC/RJ) (brasilucas@gmail.com)

Graduanda Clara Maria Moreira (UFRRJ) (claramrfmoreira@gmail.com)

Instituição: Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Instituto de Florestas e Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Geografia.

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você e sua família estão sendo convidados a participar de um projeto de pesquisa. É importante que você entenda o significado deste projeto para decidir se você deseja ou não participar. Iremos descrever os objetivos da pesquisa, como ela será feita e qual é a sua parte no projeto. Você deve perguntar e esclarecer qualquer dúvida que tenha. Se tiver perguntas depois que o projeto for iniciado, por favor, não deixe de informar, pois temos a obrigação de lhe responder. A sua participação no projeto é voluntária e você pode deixar de participar, sem qualquer prejuízo, a qualquer momento que queira.

Justificativa: Existem poucos trabalhos que levem em conta a contribuição dos conhecimentos das comunidades locais a respeito das pastagens existentes no Vale do Rio Paraíba do Sul. É importante saber como as pessoas que residem nesta região interagem ou manejam as pastagens, especialmente as transformações que as mesmas vêm sofrendo ao longo do tempo. O estudo pretende resgatar um conhecimento muitas vezes empírico, mas que tem potencialidade de influenciar políticas públicas para o setor. Além disso, buscaremos entender os antigos sertões, suas paisagens e moradores, elemento bastante comum nas falas dos atuais residentes de São José do Barreiros.

Objetivo da pesquisa: Estamos conduzindo um estudo sobre o conhecimento de pequenos e médios pecuaristas, ex-pecuaristas e ex-sertanejos têm sobre as pastagens e a paisagem de São José do Barreiros. O foco principal é documentar a percepção dos criadores de gado sobre este tipo particular de ambiente e a caracterização do ambiente histórico dos sertões.

Procedimentos: Realizaremos visitas à sua propriedade onde começaremos com as entrevistas que serão conduzidas através de um questionário. Este trabalho deve demorar aproximadamente uma hora. Nesta entrevista perguntaremos sobre a criação de animas e todas as vertentes ligadas à nutrição animal. Precisamos saber também a sua opinião sobre a quantidade e qualidade dos pastos e as mudanças no uso de gramíneas e do sertão, no presente e no passado. Este documento está registrado em duas vias, onde uma ficará com o pesquisador e a outra com o sujeito da pesquisa. Fotografias e gravações deverão ocorrer desde que previamente autorizada por vocês. Quando a entrevista for concluída, um exemplar da pesquisa será destinado ao pesquisador e um a você.

Riscos mínimos e desconfortos: Este estudo busca não apresentar riscos nem desconfortos para você e sua família. As suas informações individuais, da sua família e da sua propriedade serão mantidas respeitosamente pela equipe e, ao ser oficializado o estudo, será respeitado o linguajar local. Todas as informações obtidas são sigilosas, bem como seus dados pessoais. Este trabalho somente será publicado e divulgado se garantir a confidencialidade das informações que você cedeu. Caso você não se sinta confortável com a gravação das entrevistas, ou com as fotografias, sua vontade será respeitada.

Benefícios: Os benefícios aos participantes deste estudo é colaborar com informações que irão valorizar a utilização de seus conhecimentos sobre o local como subsídios para criação de políticas públicas que levem em consideração a preservação dos ambientes florestais aliada ao bem-estar social. E também serão compiladas observações de como as pastagens e a floresta estão se modificando ao longo do tempo.

Você foi informado/leu, teve suas dúvidas esclarecidas e concorda/autoriza a participar do projeto? Caso positivo, por favor, assine ou marque abaixo.

Data ___/___/_____

Local:

Assinatura: _____
(participante ou responsável)

Assinatura: _____
(pesquisador responsável pela coleta do TCLE)

Anexo II: Registro fotográfico



A e B) Bandeira e máscara de Folia de Reis que ainda é realizada no sertão; C) Informante mostrando como se usava a peneira de taquara que confeccionavam no sertão; D) Informante mostrando lasca de madeira que utiliza como remédio, sabedoria do sertão; E) foto de família sertaneja em frente a casa de pau-a-pique.

Anexo III: Questionário para os sertanejos

Data da entrevista:

Informante:

Entrevistador:

CARACTERÍSTICAS DO ENTREVISTADO

Nome:

Idade:

Escolaridade:

Local de nascimento:

Tempo de residência no local de nascimento:

Residência atual:

Tipo de moradia () própria; () arrendada/ como?

() outro? Qual?

Fontes de renda/ ocupação:

Religião:

CARACTERÍSTICAS DE IDENTIDADE, MANEJO E USO DO SOLO

- 1) Você é sertanejo?
- 2) O que é/era o sertanejo?
- 3) O que é o sertão?
- 4) Quem surgiu primeiro, o sertão ou sertanejo?
- 5) De onde vieram os sertanejos? Quando?
- 6) Se sair do sertão continua a ser sertanejo?
- 7) Realizava algumas dessas atividades no passado?
() tropa () carvão () roça () caça () fogo () balaio
() outra atividade tradicional espontaneamente citada_____

- 8) Realiza alguma dessas atividades no presente? Qual?
- 9) Como estão as florestas da região, em sua percepção? (aumentando/diminuindo, por que?)
- 10) Qual a importância da floresta, na sua opinião?
- 11) Como era o uso da floresta no passado e presente?
- 12) Como está o regime das águas (chuvas, rios)? (aumentando/diminuindo, por que?)
- 13) Como era o uso da candeia? Você usava candeia?
- 14) Como está o uso da candeia?
- 15) Qual é a época de florada da candeia?
- 16) Como se propaga a candeia?
- 17) Há variedades diferentes de candeia? Onde ocorrem?
- 18) Há interação da espécie com a fauna?
- 19) Onde se acha candeia?
- 20) Em qual etapa de regeneração da floresta a candeia aparece?
- 21) A mata de candeia aumentou ou diminuiu?
- 22) Quando se corta a candeia? Tem lua?